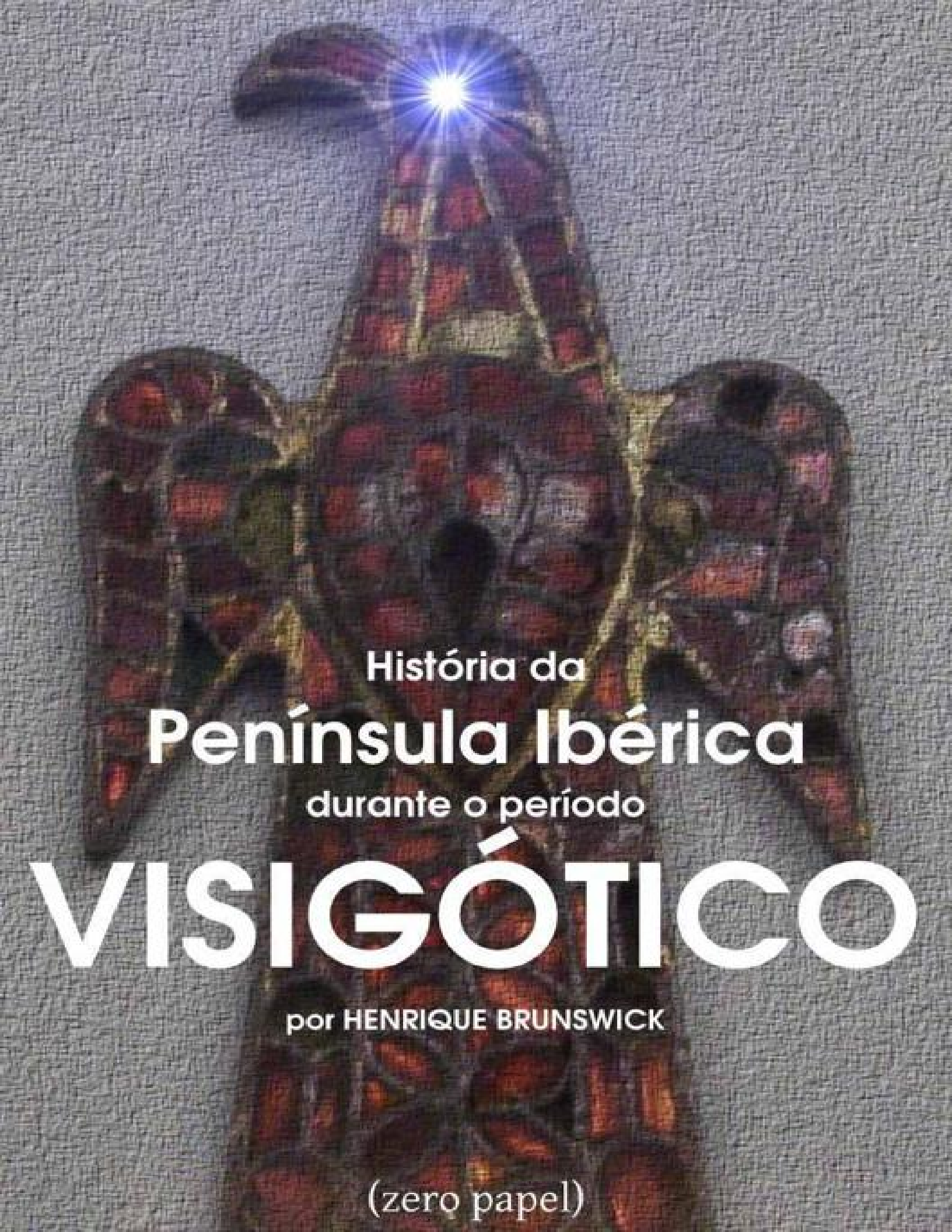




História da
Península Ibérica
durante o período

VISIGÓTICO

por HENRIQUE BRUNSWICK

(zero papel)

História da península Ibérica durante o período Visigótico

POR
Henrique Brunswick

[+++++]

(zero papel)

EDIÇÕES DIGITAIS

2013

Ficha técnica

Título:

História da península Ibérica durante o período Visigótico.

Autor:

Henrique Brunswick.

Capa:

© 2013, (zero papel).

Fixação do texto:

(zero papel), a partir da edição de Coimbra, 1907.

Texto está em conformidade com o acordo ortográfico da língua portuguesa de 16 de dezembro de 1990.

Edição digital:

© (zero papel), 2.^a edição, janeiro de 2013.

Introdução

A Hespéria, a *Ocidental* dos gregos, denominada Hispânia pelos romanos, está unida ao continente europeu pelos não muito franqueáveis montes Pirenéus, circunstância que, nos primitivos tempos, a manteria ao abrigo das incursões dos habitantes das regiões situadas além daquelas montanhas. Não obstante, está demonstrado que nos tempos pré-históricos a Península já tinha habitantes; quais fossem ou a que raça pertencessem é o que se ignora, pois deles só restam monumentos megalíticos que, como se sabe, foram comuns a todas as raças primitivas.

Pretende-se que os *iberos*, povo asiático, vieram estabelecer-se nas costas orientais da Hespéria, alastrando de lá para o interior e por todo o litoral; que, depois, transpondo os Pirenéus, vieram os *celtas*, os quais ocuparam principalmente as costas do norte e do nordeste da Península; que da junção destes dois povos tomaram nome os *celtiberos*, e que ao fazer-se essa junção já havia colónias fenícias nas costas dos dois mares que nos banham. Essas colónias teriam sido atraídas pelas riquezas peninsulares: gados, lãs, frutos, ouro e outros metais, particularmente mercúrio. Povoações havia que já eram nomeadas pelas suas indústrias ou riquezas naturais: *Setablis* (S. Filipe de Játiva), pelo linho; *Bilbilis* (Bilbau), pelo aço; *Cetobriga* (Almadén) pelo mercúrio, sobressaíam entre elas.

Ao norte do Ebro também se estabeleceram colónias gregas; Rosas, célebre pelo seu porto, deve a sua fundação aos fócios. É possível que Sagunto, ainda que situada ao sul do Ebro, não tenha tido outra origem.

No último quartel do século III antes de Cristo, os fenícios, atacados por todos os outros povos da Hespéria, chamaram os cartagineses em seu socorro. Estes vieram defendê-los, mas, depois de terem vencido a quase

todos os aborígenes, assenhorearam-se da Península e nela se fixaram. *Cartagena*, na costa do Mediterrâneo, deve-lhes o nome e a fundação.

Durante as guerras púnicas foi a Hispânia entrada e ocupada pelos romanos, que, para a governarem, a dividiram em duas províncias: a *Tarraconense* ao oriente, e a *Lusitânia* ou *Bética* ao sudoeste; cada província tinha à sua frente um pretor.

Como os romanos considerassem a Hispânia como uma mina que tratavam de explorar o mais possível, foram sempre guerreados pelos povos que nela tinham submetido. Dessa guerra de independência são sobejamente conhecidos os nomes do chefe lusitano Viriato (assassinado no ano 140 A. C.) e o da cidade de Numância, cujos últimos habitantes se mataram uns aos outros para não cair em poder dos sitiadores (ano 133 A. C.).

Esta situação prolongou-se durante mais de 500 anos. Neste longo período de tempo, os espanhóis ou celtiberos nunca se acostumaram ao jugo de Roma; antes, pelo contrário, empregaram todos os meios para o contrariar, posto que não o podiam sacudir.

O aparecimento dos visigodos na Península veio facilitar-lhes o meio de se libertarem.

Às resumidas noções que precedem e com as quais se percorre o período compreendido entre o princípio dos tempos nebulosos da história da nossa Península e a chegada dos godos, devemos acrescentar as linhas seguintes:

Autores houve que pretenderam inculcar quais foram os fundadores de várias das nossas mais antigas povoações: assim é que se lê que Setúbal deve a fundação nada menos do que a um neto de Noé, Tubal, filho de Japhet; que Lisboa foi fundada por Ulisses, o manhoso heleno que a antiga poesia grega ideou para personificar a prudência astuciosa peculiar aos jónios; que a Corunha deve o ser a Hércules, que nela descansou depois de fundar Gibraltar, etc, etc.

Seria infantil contradizer esses assertos, filhos da ociosa fantasia inspirada pelos claustros da Idade Média. Para comprovar que a Península foi habitada desde muito cedo, temos outras provas, e essas irrefutáveis, avultando entre elas, como a mais antiga, os restos humanos da Idade Média da época quaternária, que se encontraram nas covas do Calpe e nas minas das Astúrias, em Espanha, e entre nós nas grutas de Cesareda e no cabeça da Arruda. Determinar porém quais fossem esses primitivos habitantes e a que povo pertenciam, é que por agora é, e talvez o seja sempre, absolutamente impossível fazer [1].

Do primeiro povo que na Península teve um nome, dos *iberos*, é que talvez se possa conjecturar alguma coisa com acerto se, em vez de seguir o trilho marcado pela história, preferirmos a crítica razoável — que também é história quando ela se exerce em épocas em que a história propriamente dita não tem elementos para a contradizer.

Quem eram esses *iberos* que figuram entre os primeiros habitantes da Península, e em que época poderemos fixar a sua vinda a ela?

Não é fácil precisar a resposta, mas a conjectura mais provável é que *ibero* fosse a designação comum dada aos *gregos*, que tinham fundado colônias ao norte da foz do Ebro, e aos *fenícios* que se tinham estabelecido pelo litoral, desde o Ebro até ao cabo de S. Vicente. O nome talvez lhes viesse do próprio rio *Ebro*, por este ser o único curso considerável de água que desagua entre os Pirenéus e o estreito de Gibraltar, e consequentemente o abrigo mais habitual que os navegadores daquelas épocas acostumassem a demandar nas suas viagens à Península. Devemos aqui notar que *Iberos* foi o primitivo nome que o Ebro teve, sem que saibamos porém a que circunstância o deveu.

Enquanto às épocas da vinda dos gregos e dos fenícios à Espanha, de nenhum modo podemos levar a primeira além da fundação de Marselha por aqueles, nem supor a segunda anterior à fundação de Cartago por estes, pois não é admissível pretender que os Orientais se abalassem a devassar o ocidente do Mediterrâneo — já que para navegar não podiam distanciar-se das costas — sem deixar atrás de si portos seus em que refugiar-se, se por qualquer contrariedade se vissem obrigados a retroceder.

O estabelecimento destas duas colónias na Península não se distanciaria portanto cinquenta anos uma da outra, pois, segundo este sistema, ambas datam do século sétimo antes da nossa era. Estabelecido este princípio podemos dizer que o oriente da Península ibérica recebeu os seus primeiros habitantes históricos não antes do ano 600 A. C.

Passando agora do litoral do Mediterrâneo ao litoral do mar Cantábrico e à região pirenaica, como poderemos fixar a época em que os *celtas* expulsos ou afugentados da Gália ali vieram estabelecer-se?

O único cálculo admissível é o que não fixe a essa vinda uma data anterior à da presença dos *iberos* na Península, posto que, no século em que a determinamos, a estância dos celtas na Bretanha é evidente.

Evidente é também que os celtas não se estabeleceram apenas na parte hoje denominada *Provincias vascongadas*, mas simultaneamente nas Astúrias, na Galiza e em Portugal, como o prova bom número de monumentos que só a eles se podem atribuir.

Julgámos útil expor nesta *Introdução* as breves considerações que precedem, não só porque estabelecem doutrina nova sobre a origem dos *iberos*, mas também porque, que o saibamos, nada se tem escrito a este respeito entre nós.

Sumário

A Península hispânica, habitada em quase toda a sua extensão pelos *celtiberos*, e, na parte que, aquém dos Pirenéus, fica mais próxima do oceano, pelos *celtas*, achava-se sob o domínio romano quando os bárbaros a invadiram e ocuparam, ficando:

a **Galiza** em poder dos *suevos* e de uma pequena parte dos *vândalos*,

a **Bética** em poder dos *vândalos* e dos *silingos*,

a **Lusitânia** e parte da **província cartaginense** em poder dos *alanos*.

No resto do território mantinham os *romanos* o seu domínio; eram porém mal vistos pelos *celtiberos* por causa das muitas exações com que aqueles os vexavam, e também por não serem capazes de resistir ao ímpeto dos bárbaros, que os tinham afugentado das regiões já então invadidas.

O receio de serem sem defesa atacados por tais invasores e o desejo de melhorarem de sorte, induziram os *celtiberos* a chamar o rei Ataúlfo em seu socorro, pois notória lhes era a doçura dos costumes dos *visigodos* estabelecidos na Gália gótica. Ataúlfo, passou então os Pirenéus, expulsou os romanos da Catalunha, e anexou esta aos seus Estados.

Vália, mediato sucessor de Ataúlfo, penetra pela província cartaginense; os *alanos* veem-se obrigados a abandoná-la, e entregam-se aos *vândalos* da Galiza. Vália passa da Cartaginense à Bética, que também conquista, sem porém expulsar dela os *vândalos* nem os *silingos*. Então os *vândalos* da Bética, sob o comando de Gunderico vão atacar a Galiza, devastam-na e tiram dela imenso despojo que transportam por mar nas próprias embarcações da região devastada. Depois de passarem o estreito de

Gibraltar são arremessados às Baleares, que saqueiam, vindo de lá a Cartagena que tomam e arruinam — fato que originou o engrandecimento de Toledo, pois que para esta cidade se transferiu a sede metropolitana de Cartagena, bem como todo o seu elemento oficial. Gunderico segue para a Bética, sobe o Guadalquivir e apossa-se de Sevilha, onde morre.

Genserico, um dos sucessores de Gunderico, leva os *vândalos* à África, e lá os estabelece.

Livres dos seus inimigos, os *suevos* da Galiza, cuja capital era Braga, invadem, sob a conduta de Réquila, quase toda a Península, e dela se assenhoreiam; não podem, porém, entrar na Tarraconense onde imperam os *visigodos*. Pelo contrário, é o rei destes, Teodorico, que consegue derrotar os *suevos* entrando pela Bética, que conquista. Transfere então a sua capital de Narbona para Barcelona, e funda definitivamente a monarquia visigótica. A Galiza, porém, continua ainda independente, formando ora um só reino, ora dois, mas abrangendo desde o Mondego até às Astúrias.

No tempo de Eurico, rei visigodo, morto em 484, a Península, ainda não unificada, está assim dividida:

Visigodos

Estabelecidos na Catalunha, na Bética e numa parte da Lusitânia.

Romanos

Numa parte da Lusitânia, na província Cartaginense, na Carpontânia (Toledo), e na Vascónia (celtas), regiões que continuavam sob o domínio do império do Oriente.

Suevos

Ocupavam as Astúrias, a região de entre Minho e Douro (Galiza) e a maior parte da Lusitânia.

Leovigildo, reunindo os *suevos* à monarquia visigoda, já então engrandecida com quase todos os territórios em que os *romanos* se tinham conservado, estabelece a sua capital em Toledo.

Recaredo consegue subjugar os *celtas* das Vascongadas, e, em 622, é dado a Suíntila fazer desaparecer os últimos presídios que os *romanos* do Oriente ainda conservavam nas costas do Mediterrâneo. A contar desta época toda a Península faz parte do reino dos visigodos, cujo fastígio de grandeza é atingido por Vamba. Desde 680, ou seja desde pouco depois da morte deste rei, o ócio dos monarcas inicia um período de decadência progressiva que tem por desfecho a fatal batalha do Guadalete (ano de 711).

História da península ibérica

Primeiro estabelecimento dos visigodos na península

Ao terminar o terceiro quartel do século IV da era de César, os godos estavam divididos em duas nações, ambas de chefatura eletiva, sendo porém costume que os votos, numa e noutra dessas nações, recaíssem sempre nos membros de determinada família, da qual nunca saía o poder.

Dessas nações, ambas feras e indómitas, uma, a dos *vespergodos* ou *visigodos*, elegia os seus chefes na família dos Báltos, ao passo que a outra, a dos *austrogodos* ou *ostrogodos* os elegia na família dos Amalos [2].

A missão especial destes chefes ou reis consistia particularmente em organizar as expedições militares e conduzir os exércitos em campanha; só muito secundariamente é que se ocupavam do governo propriamente dito, posto que estas nações regiam-se apenas pelo costume: nunca pela lei escrita, que consideravam deprimente para a sua indómita liberdade.

Vivendo em regiões de céu áspero e de terreno ingrato, é natural que estes povos procurassem estabelecer-se onde o sol mais os aquecesse e a terra melhor os alimentasse, pois no seu assento, situado quase no norte da Europa, a inclemência lhes era demasiado pesada. Assim é que, já muito antes da época inicial que acima deixamos apontada, os godos — que então ainda estavam unidos numa só nação — tinham feito várias excursões, percorrendo primeiramente a Vandália [3], situada entre o Oder e o Vístula;

a Cítia, até às costas do Ponto Euxino (mar Negro); e por último a Trácia e a Macedónia até à Ásia, deixando dessas excursões tal renome que nem Alexandre Magno se quis aventurar com eles, nem Pirro se atreveu a atacá-los. Ao próprio Júlio César pareceu prudente não os irritar [4], e Augusto procurou por meios suaves e até pelos vínculos da aliança [5] que não lhe perturbassem a paz do império.

Se bem não tenhamos a menor possibilidade de determinar com qualquer aproximação a densidade da população gótica, não cabe a menor dúvida que ela fosse muito considerável: o rigor do clima, instigando ao coito; a robustez e sobriedade dos varões, e o seu instintivo horror pelo vício contra natureza, eram fatos que deviam contribuir poderosamente para que assim fosse. Acrescia ainda a circunstância de as mulheres dos godos acompanharem seus maridos à guerra, o que fazia com que a procriação nunca sofresse as interrupções inevitáveis se tal fato não se desse. Estas considerações levam-nos portanto a não taxar de exagerado a Jornandes — que neste relato seguimos muito continuamente — por ele chamar àqueles povos «oficina de gentes» e «útero de nações» [6].

Óbvio é, por consequência, que o constante crescer destes povos e a mesquinhez quase intolerável das suas pátrias os instigasse a procurar climas mais suaves e terrenos mais produtivos que os próprios, a fim de neles se estabelecerem pelo direito da força, e neles viverem pela força do direito que fossem adquirindo — o que não lhes seria difícil de pretextar porque «eram subitis, prudentes e constantes, e mais dispostos a enganar que a serem enganados» [7].

Em busca, pois, desses bens vieram os visigodos (talvez no ano 376), sob o comando do seu rei Atanarico, invadir o império romano quando nele reinava o imperador Valente, o qual, inteiramente entregue ao ócio no meio das suas grandezas — já então bastante abaladas — não pôde evitar, depois de muitos encontros em que nem sempre teve a melhor parte, de tratar com os invasores. Limitaram-se estes a pedir ao imperador que lhes marcasse províncias onde se estabelecessem e vivessem como amigos e confederados de Roma, prometendo-lhe que abraçariam o cristianismo — que era já então a religião oficial do império — e que observariam as prescrições romanas.

Considerando o imperador que, quando aquela gente se afizesse à benignidade do clima e às delícias da abundância, perderia o que nela havia de rude, e chegaria acaso a ser-lhe útil, concedeu-lhes a Mísia [8], na Ásia Menor, onde se detiveram e abraçaram o cristianismo da seita ariana. Nesta região, porém, não fizeram os visigodos assento prolongado, devido a que Máximo e Lupicino, capitães que tinham sido mandados por Valente para lhes repartirem as terras, procederam de modo tal que os bárbaros os mataram, e, depois de devastarem a província, passaram à Trácia [9], onde o próprio Valente os perseguiu e lhes morreu às mãos numa batalha perto de Adrianópolis.

Tornados insolentes com este êxito os visigodos fizeram várias incursões pelo império, o que obrigou Graciano e Flávio-Valentiniano — os dois irmãos que a Valente sucederam — a convidar Teodósio, que vivia retirado em Itália, sua pátria — lugar próximo de Sevilha — para que, associado por eles ao império, tomasse a seu cuidado o extermínio daquela bárbara e temível gente.

Teodósio, general valente e político sagaz, venceu os visigodos, primeiro pelas armas, e depois pelos benefícios, dando-lhes terras para habitar. O rei Atanarico, rendido por esta liberalidade, foi a Constantinopla agradecer a Teodósio, mas, sobrevivendo-lhe nesta cidade uma doença, lá morreu, sendo nela enterrado com grande pompa por ordem de Teodósio, ante cujo procedimento os visigodos acabaram de se render. Então, os visigodos, elegendo Alarico para rei, declararam-se amigos e confederados do império.

Querem alguns historiadores, e entre eles João Magno [10], que depois da morte de Atanarico, e enquanto Teodósio foi vivo, estivessem os visigodos sem rei, para assim testemunharem a sua fé no imperador. Seja como for, o caso é que depois da morte de Teodósio, Alarico tinha a chefatura do seu povo, e lhe serviu de guia nas contendas que dessa morte resultaram.

Vejamos, para a boa compreensão dos sucessos que temos de relatar, quais as causas que originaram essas contendas.

Teodósio tinha dividido o império entre seus filhos Arcádio e Honório, cabendo àquele Constantinopla, ou seja o império do Oriente, e a este Roma, tornada capital do império do Ocidente. Como porém os dois herdeiros fossem ainda de tenra idade, Teodósio nomeou-lhes três tutores: Gildo para governar as províncias romanas da África; Rufino, as do Oriente, e Estilício as do Ocidente [\[11\]](#).

Preferindo governar por conta própria que pela dos pupilos, Gildo e Rufino aspiraram ao poder; foram porém infelizes na empresa e nela perderam a vida. Estilício, cujo filho Euquério tinha casado com Serena, sobrinha de Teodósio, julgando-se por esta afinidade com mais direito ao trono, mas escarmentado com o desastrado fim dos seus colegas, obrou com mais astúcia, procurando perturbar em segredo o império, na esperança que Honório o constituísse árbitro dos acontecimentos. Para levar o seu plano a bom termo, fomentou a tendência que tinham os vândalos — dos quais descendia — para guerrear o império, e deixou-os percorrer impunemente as margens do Reno e entrar nas Gálias, assim como também deu azo a que os alanos e os suevos perturbassem o Ocidente. Ao mesmo tempo, para que os visigodos se irritassem e se rebelassem, tirou-lhes, sob pretexto económico, o soldo que lhes davam os imperadores. Este ato sortiu-lhe o efeito desejado, pois as vítimas da espoliação chamaram Radagaso, rei dos ostrogodos, em seu auxílio, e rebelaram-se pondo o império em perigo.

Estilício, que não tinha contado com os ostrogodos, e que receava não poder debelar tantos inimigos juntos, marchou ao encontro de Radagaso antes deste poder receber o reforço dos visigodos, e, esperando-o nos Apeninos, fez tantos e tantos prisioneiros que chegou a vendê-los a vinte por um ducado [\[12\]](#).

Dali foi Estilício sobre Ravena, ocupada por Alarico; mas, temendo que, desfeito aquele inimigo, cessasse a guerra, e consequentemente a necessidade que o imperador tinha dos seus serviços, necessidade em que fundava o êxito dos seus planos, contentou-se com infligir aos visigodos uma leve derrota, para permitir-lhes poderem continuar a perturbar interiormente o império, mas só até ao ponto em que a ele, Estilício, conviesse. Alarico, conhecendo o artifício do general romano, aproveitou-o para insinuar-se no ânimo do imperador Honório, a quem fez ciente dos

manejos de Estilício. Em recompensa de tal revelação pediu-lhe que lhe concedesse a paz e o assento na Itália, garantindo-lhe que os visigodos, reconhecidos pelo benefício, viveriam quietos e obedientes aos imperadores.

Ainda que indolente e descuidado, Honório era bastante inteligente para compreender que as perturbações que então havia na Itália eram, todas elas, ocasionadas pelos visigodos. Tratou, portanto, de promover-lhes a ruína, sem que porém eles o suspeitassem, pois na aparência mostrou-se tão benigno e generoso para com eles, que não só lhes concedeu a paz, mas até cedeu a Alarico uma parte da Gália meridional e a parte da Espanha que lhe fica confinante [13]. Tanta benignidade ocultava porém a mais pérfida das maquinações, porque, obrando assim, Honório expunha os visigodos, que se achavam sem mais força que a própria, a serem exterminados pelos bárbaros alanos, vândalos e suevos, que naquela ocasião percorriam confederados as Gálias, ou então, se destes escapassem, a terem de se haver com Constantino, general romano que se tinha feito proclamar imperador na Inglaterra, e que muitos gauleses e celtiberos tinham reconhecido na esperança de melhorarem de sorte.

Deste plano, sábia e manhosamente combinado, ainda previa Honório a possibilidade de uma conflagração geral entre os bárbaros, os visigodos e o seu competidor Constantino, podendo resultar dela que uns se exterminassem aos outros, ficando o império bastante forte para aniquilar sem dificuldade os poucos que dela sobrevivessem.

Por outro lado considerou que lhe convinha disfarçar o desagrado em que Estilício lhe caíra, não só por causa do parentesco que entre ambos havia, mas também, e principalmente, por lhe parecer que não devia privar-se do único general com que podia contar para qualquer acontecimento inesperado. Neste intuito, e para o acirrar contra os visigodos, contou-lhe o que Alarico lhe revelara a seu respeito.

Entretanto, Alarico, fiado na fé jurada de confederado, dirigira-se imediatamente para a Gália a fim de entrar na posse dos territórios que nela lhe tinham sido cedidos — cessão que constitui a origem do reino visigodo e a formação da monarquia espanhola, da qual, mais tarde, devia originar-se a portuguesa. O chefe bárbaro não tinha porém contado com a perfídia de

Estilício, nem desconfiado das intenções de Honório, os quais, talvez mancomunados, se entenderam para surpreender os visigodos na sua marcha, caindo-lhes em cima quando mais embrenhados estivessem nos desfiladeiros dos Alpes; podendo também ser que o ataque fosse só da iniciativa de Estilício, furioso contra Alarico por este lhe ter adivinhado as intenções, e have-las revelado ao imperador, e por outro lado prevendo que, a escaparem os visigodos da sua investida, julgariam ter sido atraídos por Honório, o que os levaria a retroceder, para guerrearem em Itália, dando assim ocasião a que ele, Estilício, se conservasse no manejo das armas, e pudesse a todo o tempo levar avante as suas maquinações.

Contudo, partisse donde partisse, a traição executou-se quando os visigodos estavam celebrando a Páscoa no centro das montanhas. João Magno [14] refere que, surpreendidos, os visigodos pediram aos romanos que em atenção à solenidade do dia suspendessem o ataque até à nova aurora, no que não foram atendidos. Furioso, Alarico reuniu à pressa a sua gente, carregou sobre os assaltantes e desbaratou-os.

Animado o chefe visigodo com esta vitória, por ele atribuída à proteção do Deus que ele e o seu povo adoravam desde havia algum tempo, retrocedeu pela Itália, e dando sobre Roma, sitiou-a.

Neste transe, Honório, para mostrar-se de boa fé com Alarico, e também talvez, por se lhe tornar evidente o que Estilício tramava contra ele, mandou assassinar este general e seu filho Euquério. Contudo isto, porém, nem conseguiu justificar-se para com Alarico, nem tirar proveito da cólera, pois ficou privado do único general capaz de o defender contra os seus muitos inimigos.

Roma, sitiada e incapaz de defender-se, ofereceu grandes somas de prata e ouro para que os visigodos levantassem o cerco; Alarico acabou por aceitar as propostas que lhe eram feitas; mas, como os romanos, apesar de derreterem as estátuas dos deuses que ainda conservavam, não chegassem a reunir o peso oferecido, o chefe visigodo apertou o cerco de tal modo que a fome foi tão grande dentro da cidade que os habitantes chegaram a comer carne humana, e muitas mães, no dizer de S. Jerónimo [15] «voltaram a seu ventre os filhos que nele haviam concebido».

Roma acabou por render-se (ano 410), e durante três dias puderam os visigodos cevar-se nas suas riquezas, se bem é voz constante dos historiadores contemporâneos que, como cristãos que eram, Alarico e os seus soldados respeitaram os templos e as virgens.

Vendo-se mais uma vez vitorioso, quis Alarico levar as suas armas à Sicília e à África; não podendo porém domar as ondas do mar tão facilmente como vencera os romanos, teve de desistir do intento, e, retrocedendo, morreu em Cosenza no ano 411.

Reinado de Ataúlfo, primeiro rei visigodo das Espanhas

Reunidos os principais de entre os visigodos depois que Alarico expirou, elegeram para chefe Ataúlfo, irmão da mulher de Alarico, e próximo parente do defunto [\[16\]](#).

Apenas eleito, Ataúlfo casou com Gala Placídia, irmã do imperador Honório, a qual, segundo parece, estava em poder de Alarico como refém [\[17\]](#). Este casamento foi um ato político de Ataúlfo, esperando entrar por ele nas boas graças do imperador; como porém esse resultado não se desse imediatamente, correu Ataúlfo sobre Roma, e tanto a apertou [\[18\]](#), que era intenção sua, no dizer de alguns escritores, destruí-la completamente para sobre as suas ruínas edificar uma nova cidade a que daria o nome de Gótia — intentando assim destruir até a memória dos romanos, e ser o fundador de um império da sua nação. Reconhecendo porém que tal império não se poderia manter sem instituir a obediência às leis, obediência a que nunca se prestaria a indómita altivez dos visigodos, pareceu-lhe ser glória sua tornar-se autor da conservação do império já existente — posto que o não podia ser da sua última ruína [\[19\]](#). Nesta intenção determinou o chefe bárbaro vir tomar posse das Gálias e da Espanha cedidas ao seu predecessor. Renovaram-se, para mantê-los firmes durante a expedição, os tratados de confederação já existentes, reforçando-os com novas promessas de parte a parte; depois do que, empreendeu Ataúlfo a travessia dos Alpes com toda a sua família e todo o seu povo.

Sigónio diz [\[20\]](#) que Honório ficou contentíssimo ao ver-se livre dos visigodos, cuja partida celebrou com jogos públicos, e que, detrás deles, mandou fortificar os passos estreitos dos Alpes para lhes impedir a volta, no caso de eles terem de bater em retirada diante dos perigos que iam defrontar.

Sem esquecermos que nesta época o império tinha no Ocidente um competidor em Constantino, o aventureiro de que já fizemos menção no capítulo precedente, e que este competidor percorria ora a Gália, ora a Península, vejamos qual foi a influência que a marcha de Ataúlfo exerceu nas regiões de que vinha tomar posse.

Consideraremos desde já qual não seria o terror que a notícia deste avanço havia de causar nos vândalos, suevos e alanos que nesse tempo andavam pelas Gálias, ao lembrarem-se, pela tradição dos seus antepassados, de como o chefe godo [\[21\]](#) Generico os tinha maltratado na Panónia, e ao calcularem quanto mais fácil não seria aos visigodos desbaratá-los agora, visto estarem em território alheio, onde eram odiados pelos habitantes, na sua qualidade de depredadores. Receando pois o poder de Ataúlfo, que eles julgavam reforçado com a aliança de seu cunhado Honório, resolveram estes bárbaros passar à Espanha, para porem entre si e os visigodos a difícil passagem dos Pirenéus. Esta migração tinha ademais a vantagem de lhes proporcionar novos recursos, pois que tendo eles por princípio de exterminar tudo sem cuidarem de nada conservar, necessitavam a cada passo mudar de território para acharem despojos e alimento — e eles sabiam que na Espanha, país ferocíssimo e de ricas minas encontrariam quanto lhes fizesse falta. Por outro lado, a época e as circunstâncias pareciam-lhes azadas, posto que os celtiberos, que não podiam pagar os enormes tributos impostos pelos romanos, seguiam em parte o partido do aventureiro Constantino, o que impediria os generais romanos, ocupados em sufocar rebeliões, de reunir um exército para lhes deter a marcha.

Eis as considerações a que a Península deveu ser invadida ao mesmo tempo por quatro povos bárbaros: por uma parte os *vândalos*, nação da Pomerânia, misturados com os *silingos* da Baviera, marchando todos sob o comando de Gunderico; pela outra os *alanos*, vindos da Cítia, comandados por Atace, e os *suevos*, nascidos onde nasce o Danúbio, tendo à frente Hermenerico.

Como tinham previsto, foi escassa a resistência que estes invasores encontraram no país invadido: os romanos, não tendo exército suficiente para campear, retiraram-se aos seus presídios; os celtiberos, desunidos,

defendiam-se mal, uns nos seus castelos construídos no cume dos montes, outros pelejando em troços diminutos, que logo eram vencidos.

Podendo sempre passar avante, foram os bárbaros fazendo grandes progressos pela Península: tomaram Astorga, então cidade mui principal; talaram os campos de Plasencia e de Toledo, e vieram sobre Lisboa, donde, no dizer de algum escritor [22], tiraram grandes riquezas. Das margens do Tejo, seguiram assolando várias regiões, levando a toda a parte o terror e a destruição, pois como gente que não tinha morada fixa, só procurava permanecer num sítio enquanto ele lhe proporcionava recursos, abandonando-o quando já não podia servir, nem a eles nem aos que detrás viessem ou a ele voltassem.

De tudo isto resultou uma fome geral que foi seguida de terrível peste [23] — calamidades essas que conseguiram amestrar aqueles povos, induzindo-os a cuidarem da sua conservação e a procurarem estabelecer-se. Assim o fizeram, enfim, repartindo entre si, ou pela sorte ou pela combinação, os territórios da Península, cabendo aos *suevos* e a uma parte dos *vândalos* a Galiza (então de maiores limites do que agora porque se estendia até ao rio Douro); aos restantes *vândalos* e aos *silingos*, a Bética; e aos *alanos* a Lusitânia e parte da província cartaginense. Deste estabelecimento resultou que Roma apenas podia contar em Espanha com pouco mais que a obediência dos *cântabros* e dos *asturianos*.

Enquanto a Península ibérica era assim invadida, talada e repartida, sem que os seus habitantes naturais — os *celtiberos* ou *espanhóis* — se pudessem defender, entrava Ataúlfo em Narbona (ano 415) e ali estabelecia a capital da parte das Gálias que lhe tinha sido doada [24], não sem antes ter disputado o terreno palmo a palmo para chegar até aquela cidade. Por esse tempo também foi o aventureiro Constantino feito prisioneiro em Arles por Constâncio, prefeito do exército do imperador Honório.

Estes dois fatos — a estabilidade dos visigodos, e o desaparecimento do competidor de Honório — pareciam dever dar às Gálias uma tranquilidade tão prolongada quanto era de esperar daquela época de lutas e ambições. Efetivamente, Ataúlfo principiou por celebrar grandes festas em Narbona [25], nas quais os visigodos viram pela primeira vez o seu rei usar, à imitação dos imperadores romanos, o manto de púrpura — circunstância

que assinala a inicial tendência daqueles bárbaros para o luxo da civilização.

Não podendo porém Ataúlfo reprimir o seu natural ardor, e não querendo que os ócios da paz lhe pervertessem a nação, julgou conveniente ir tomar posse das vertentes dos Pirenéus, levando até ao oceano os limites do seu reino. Pôs-se portanto em campanha, e, vencedor em todas as partes, chegou até Bordéus que saqueou e queimou, ficando senhor de toda a Gália meridional (ano 415), que denominou *Gália gótica* [26], nome com que desde então se ficou designando a parte, ora extensa, ora mais retraída, que os visigodos ocupavam além dos Pirenéus.

Parece que neste mesmo ano de 415 e no seguinte houve entre Honório e Ataúlfo algumas divergências a respeito do resultado das quais os historiadores são bastante obscuros, e até contraditores uns dos outros; passá-las-emos portanto em silêncio para nos ocuparmos dos fatos que são citados com precisão. Avulta entre estes a vinda a Narbona de uma deputação espanhola encarregada de testemunhar a Ataúlfo o desejo que tinham os celtiberos de o verem ir tomar posse da parte da Espanha que lhe fora cedida [27]. Este convite nada tem de estranho, porque devemos atender à fama de ordeira benignidade que os visigodos granjeavam pela forma correta do seu proceder tanto para com os vencidos como para com aqueles entre os quais se estabeleciam — acrescento neste caso a circunstância dos celtiberos esperarem que os visigodos os livrariam da escravidão com que os outros bárbaros os ameaçavam, e também das exações sempre crescentes dos romanos, que o império ainda mantinha na parte cedida aos visigodos [28]. Em consequência deste convite saiu Ataúlfo da cidade de Narbona, deixando-a presidiada pelos seus, e entrando pela Tarraconense hispânica chegou a Barcelona, na qual estabeleceu a sua capital. Deste fato provém a posse inicial efetiva que da monarquia espanhola tomaram os visigodos.

Depreende-se dos historiadores que deste rei se ocuparam que ele, logo que tomou posse da parte hispânica do seu reino, moveu guerra aos vândalos, que eram os bárbaros que mais próximo lhe ficavam, não lhe advindo porém nenhuma vantagem de tal empresa.

Terminada esta campanha, Gala Placídia, sua esposa, moveu-o a reatar boas relações com Honório, o que, não sendo do agrado dos principais dos visigodos, foi Ataúlfo assassinado em Barcelona, no mesmo ano de 416, ao cabo de um reinado que se computa ter durado seis anos.

Reinados de Sigerico e de Vália

Sigerico, próximo parente de Ataúlfo, e talvez o ambicioso que fez mover o braço que assassinou esse rei, foi eleito chefe dos visigodos. Para engrandecer os filhos e os parentes mais chegados negociou amizade e confederação com o imperador Honório, a fim deste os nomear para empregos e dignidades. Esta ambição foi a sua ruína, pois os visigodos o assassinaram no mesmo ano em que lhe tinham dado o poder.

Em seu lugar tomou Vália a chefatura dos visigodos, sendo eleito pelos principais deles, devido talvez a ser filho de Ataúlfo, como o refere Próspero na sua crónica da Aquitânia.

Vália principiou por hostilizar os romanos, organizando uma esquadra para passar à Mauritânia; não chegou porém a desembarcar em África devido a uma tempestade que o arremessou à costa espanhola. Esta primeira manifestação de inimizade irritou Honório a ponto de ordenar a Constâncio, seu prefeito nas Gálias, que com as armas na mão exigisse de Vália a entrega de sua irmã Gala Placídia, que o rei godo guardava em reféns, se bem com todas as atenções que merecia quem já fora rainha. Para incitar o zelo de Constâncio, oferecia-lhe Honório de o deixar tomar por esposa à viúva de Ataúlfo, fazendo-lhe ademais entrever a possibilidade de o tornar seu companheiro no império. Constâncio, homem prudente, para não expor a sua futura elevação às contingências da guerra, entrou em negociações com Vália; este, que também preferia um acordo à toma das armas, não foi muito exigente, e assim tornou a haver confederação entre o império e o reino visigótico estabelecendo-se que Placídia seria entregue, e que Vália faria a guerra aos bárbaros, ficando com os despojos que houvesse a mãos, mas devolvendo aos romanos as províncias que conquistasse.

Em virtude desta combinação foram os alanos atacados pelas armas reunidas de Vália e de Constâncio, sofrendo aqueles bárbaros, nos campos

de Mérida, na Lusitânia, uma terrível derrota em que caiu morto o seu rei Atace. Ao verem-se sem chefe, os alanos entregaram-se ao rei dos vândalos da Galiza, confundindo com estes o cetro e o nome.

De Mérida passou Vália à Vandalosia (Andaluzia) onde subjuguou os vândalos e silingos que nela se tinham estabelecido, não os expulsando porém de lá porque eles declararam querer sujeitar-se às leis do império e estar dispostos a pagar os tributos que exigissem os romanos.

Em recompensa destes bons serviços concedeu Honório a Vália o senhorio da Guiena, no qual estavam incluídas as cidades já então importantes de Tolosa e Bordéus. Vália passou logo a visitar esse senhorio, mas na primeira daquelas cidades foi surpreendido pela morte (ano 419) ao cabo de três anos de reinado glorioso.

Os bárbaros da península

As nações bárbaras que tinham tomado assento na Península cobraram alentos com o desaparecimento do Rei Vália e do prefeito Constâncio, as duas primeiras personagens que tinham conseguido sofreá-las nos seus instintos de vagabundagem e rapina. Vendo-se senhores da Península, já porque Roma tinha retirado as tropas que mantinha no Ocidente, já porque confiavam no desleixo de Honório, que, engolfado nos ócios de Ravena, só cuidava em assegurar a tranquilidade das províncias enquanto tinha que levantar tributos nelas, não se importando com a sua sorte depois desses tributos levantados, essas nações, dizemos, ergueram-se em armas e principiaram a guerrear-se entre si.

Foram os vândalos da Andaluzia os que mais se assinalaram nessas expedições. Principiaram por invadir a Galiza, levando de vencida os suevos que nela se tinham instalado, até os obrigarem a refugiar-se nas ásperas montanhas situadas entre Leão e Oviedo, saqueando, talando e devastando, no seu retrocesso, quanto se lhes deparava. Como os despojos fossem abundantíssimos, os vândalos apossaram-se das embarcações que estavam nos portos e abarrotaram-nas com quanto tinha sobrado da satisfação das suas necessidades. Assim se tornaram senhores de uma armada, na qual seguiram por mar, entrando as fozes dos rios e descendo nas praias em que havia povoações à vista. Navegaram deste modo até passar o estreito de Heracleia (Gibraltar), e, acossados talvez por alguma tempestade, que os obrigasse a distanciarem-se da costa, aportaram nas Baleares, onde aumentaram a esquadra com quantas embarcações encontraram, atulhando-as de mantimentos, gado, dinheiro, etc.

Das Baleares, guiados pelos prisioneiros que tinham feito, os quais eram conhecedores do Mediterrâneo, vieram os vândalos desembarcar em Cartagena, cidade que, por ser capital de uma província romana, estava algum tanto presidida, o que porém não a impediu de cair em poder do

temível Gunderico, o qual, para se vingar da oposição que nela encontrou a saqueou e arruinou. Deste desastre da antiga capital da colônia cartaginense, fundada havia já seiscentos anos, proveio o engrandecimento de Toledo, onde se refugiou o bispo metropolitano e todo o elemento oficial que tinha assento em Cartagena.

Gunderico, vendo-se senhor de uma poderosíssima armada e rico de despojos, prosseguiu devastando o litoral até alcançar a foz do Guadalquivir. Por este rio chegou a Sevilha, onde entrou — postrema empresa da sua vida, pois, segundo S. Izidoro [\[29\]](#), caiu morto ao pôr a mão nos vasos sagrados da igreja de S. Vicente daquela cidade.

Sucedeu-lhe Genserico, que, dizem, era seu irmão bastardo. A sorte foi favorável a este rei, o qual, valente e astuto, soube aproveitar todas as circunstâncias que o acaso lhe deparou para se engrandecer, e engrandecer a sua nação, levando-a a regiões onde dominou como senhora.

Honório, ainda que indolente, receou, ao ver os progressos que os vândalos faziam na Espanha, perder o pouco que na Península ainda dependia de Roma. Contra eles mandou pois marchar Castino. Este general, não se vendo com forças suficientes para atacar os bárbaros, chamou em seu auxílio o governador da África, Bonifácio, que logo correu. Sem que se conheçam as causas, sabe-se que a discórdia não tardou a reinar entre os dois capitães, os quais, sem terem podido molestar gravemente os vândalos, se separaram, regressando Castino à Itália e Bonifácio à África. Por este tempo morreu Honório, sucedendo-lhe a imperatriz Placídia como regente de Valentiniano, que era de menor idade. Placídia tinha depositado toda a sua confiança no conde Aécio, o qual, aspirando ao governo da África, incutiu no ânimo da imperatriz graves desconfianças acerca de Bonifácio, induzindo-a a que o chamasse à Itália. Ao mesmo tempo, e para dar-lhe motivo para se rebelar, escreveu secretamente a Bonifácio, avisando-o das más intenções da imperatriz a seu respeito, e aconselhando-o a não vir à Itália, onde sua vida perigaria.

Vendo-se assim constrangido a sublevar-se, Bonifácio não hesitou, mas, temendo que as forças de que dispunha não lhe bastassem, enviou emissários a Genserico, pedindo-lhe de o ir ajudar, oferecendo-lhe em recompensa a província da Mauritânia. O rei vândalo aceitou a proposta,

esperando que os acidentes da guerra lhe proporcionassem ensejo para se inimizar com Bonifácio e assenhorear-se de toda a África, expulsando de lá os romanos [\[30\]](#). Os sucessos colmaram as esperanças de Genserico, pois Bonifácio não tardou a desamparar a África, de que os vândalos ficaram senhores.

Cabe aqui dizer que desde que os bárbaros assentaram o seu domicílio na Península abraçaram o catolicismo, por verem que a sua conversão os tornava mais aceitáveis aos naturais. Genserico era portanto cristão quando partiu para África, mas, uma vez ali, filiou-se na seita de Ário, para, sob o pretexto de diferença de religião, justificar a guerra que fazia ao império. Desta circunstância proveio a perseguição dos vândalos à Igreja católica [\[31\]](#).

Reinado de Teodoredou Teodorico I. Reino Suevo. Átila. Batalha dos campos cataláunicos

Logo depois da morte de Vália reuniram-se os principais dos visigodos para lhe darem sucessor, e, como por aclamação, elegeram Teodorico ou Teodoredou, guerreiro que, naquele povo sagaz e paciente, sobressaía pela sua sagacidade, paciência e tato político.

Ainda que as vistas deste chefe fossem mais ambiciosas que as dos seus predecessores, e que só a custo permanecesse confinado dentro dos limites que ao seu reino encontrara, julgou conveniente manter-se na expectativa, para poder tirar o maior proveito possível do resultado que as lutas dos bárbaros tivessem na Península, não lhe convindo, enquanto uns eram atacados pelos outros, ingerir-se nessas lutas, receando que todos se confederassem contra ele, e que os próprios romanos formassem parte da confederação, pois conhecia que o valor e o poder dos visigodos é que causava maior inveja tanto aos romanos como aos bárbaros.

Ademais, os acontecimentos pareciam legitimar as esperanças dos godos: os vândalos tinham-se transferido para a África; os romanos tornavam-se cada vez menos para temer; os bárbaros procuravam destruir-se entre si; e os aborígenes, ou seja os celtiberos, anelavam pelo dia em que aos visigodos fosse dado de se estabelecerem em toda a Península, à qual dariam a tranquilidade com a sua cordura, e a segurança com o direito de defenderem a posse do território conquistado. A morte de Hermenerico, rei dos suevos da Galiza, veio porém criar uma situação que impediu os visigodos de se internarem por então na Espanha.

Do reino suevo, que naquele tempo compreendia todo o território que da margem direita do Douro se estende até às costas do mar Cantábrico,

abrangendo conseguintemente além da Galiza propriamente dita, os nossos cinco atuais distritos do norte, as Astúrias, e grande parte de Castela a Velha, era rei Réquila, filho de Hermenerico. Vendo-se livre dos vândalos, que tinham assoberbado o seu povo, este rei aproveitou a ausência do general romano Sebastião — que, no intuito de lhes reprimir os desígnios, seguira aqueles bárbaros à África — para reunir um poderoso exército com o qual entrou pelo território dos romanos situado além Douro, estendendo desde logo os limites do seu reino até à margem direita do Tejo inferior. Sem se ocupar dos alanos situados entre este rio e o Guadiana (Alentejo), atravessou por meio de eles, e entrou na Vandalicia ou Andaluzia, onde Ardebato, governador das armas do império, lhe saiu ao encontro e lhe apresentou batalha, perdendo porém nela a vida e os ricos despojos com que os suevos ficaram. Esta batalha que se julga ter sido dada onde hoje está edificada a povoação de Jerez de la Frontera, foi seguida de uma incursão sueva pelos territórios que ocupavam os siligos, que até à saída dos vândalos para a África tinham estado misturados com eles. Depois de os derrotar e arruinar, veio Réquila sobre Sevilha, que entrou, e desde a qual se dirigiu novamente para a Lusitânia, em cujos confins estabeleceu cerco a Mérida, que se defendeu heroicamente, mas que acabou por cair nas mãos dos suevos. Depois de se repor das fadigas nesta, então tão opulenta cidade, foi com o seu exército ocupar a Carpentânia, cuja capital, Toledo, foi por ele poupada a rogos do metropolitano da Cartaginense, que, como já sabemos, tinha a sua sede naquela cidade.

Assim ficou constituído o maior reino que até então os bárbaros tinham fundado na Península: com portos seus nos dois mares opostos, era-lhe o Ebro limite ao norte.

A vitória dos suevos foi-lhes tanto mais fácil quanto era então delicado o estado dos romanos na Hispânia. Teodoredó, pelo ano 437, vendo Roma ocupada na África a querer de lá expulsar os vândalos, julgou a ocasião azada para recuar os limites do seu reino. Para isso, declarou guerra ao imperador Valentiniano III, sucessor de Honório; entrou talando e arrasando pelas terras do império, até que pôs cerco a Arles. Não pôde porém tomar esta praça em socorro da qual correu o general Aécio.

O rei godo, não obstante, continuou a guerra, e se bem é verdade que não conseguiu por aquele tempo dilatar o seu reino, pôde ao menos derrotar os romanos nos campos de Tolosa, vindo a cair-lhe nas mãos o general Litório e grande número de outros prisioneiros (ano 439).

Como foi com esta guerra que coincidiu a campanha de Réquila, da qual acabamos de ocupar-nos, os visigodos e os romanos, ante o perigo comum de se poderem ver absorvidos pelo vitorioso e feliz suevo, firmaram pazes, e estabeleceram uma aliança cujo fim era o de fazer entregar aos romanos as províncias de que os suevos acabavam de esbulhá-los. Réquila, ao ver o perigo a que esta aliança o expunha, prometeu devolver aos romanos a Carpentânia e a Cartaginense, com tal que eles o reconhecessem como rei de todas as outras conquistas que fizera. A proposta foi aceite, e assim ficou o reino dos suevos compreendendo as Astúrias, uma pequena parte de Castela — com Astorga, a Galiza, e toda a parte de Portugal situada ao norte do Tejo. Quanto aos alanos e aos silingos, parece que estes povos apenas ficaram como tributários dos suevos.

Depois da morte do glorioso Réquila, subiu ao trono suevo seu filho Requiário, a quem, como a rei poderoso que era, procurou Teodoredos para genro, oferecendo-lhe em casamento uma das suas filhas, ao tempo que dava outra a Hunerico, filho de Genserico, não menos poderoso então na África.

Destes dois enlaces, tendentes a assegurar a paz dos visigodos, só um de eles é que surtiu o efeito desejado: foi o efetuado na Suécia; o outro originou, em vez de aliança, inimizades: Hunerico, julgando que a esposa o queria envenenar, mandou cortar-lhe o nariz, e assim mutilada a devolveu a Teodoredos. Este teve de devorar a injúria por não ter armada com que levasse a guerra à África.

Outros cuidados traziam também o rei godo preocupado. Por aquele tempo, vinha Átila avançando pela Germânia, sem que romanos ou visigodos soubessem a que região se dirigia o terrível rei dos Hunos. Ora parecia que o chefe daquela gente fera e rude, que a tradição dava como descendente dos faunos [32], tomava a direção dos Alpes para entrar na Itália, ora que se dirigia para o Reno a fim de invadir a Gália. Era de quinhentos mil homens, dizia-se [33], o exército que o seguia; exército

composto de guerreiros que tinham a fama de beber sangue humano; de adornar os seus cavalos com as caveiras dos prisioneiros que faziam; de sacrificar a Marte e a Hércules os estrangeiros que penetravam na Cítia, sua pátria; de matar os próprios pais quando estes, pela idade, se tornavam impróprios para a guerra [34], e de terem em conta de inimigo qualquer estrangeiro, aspirando por isso mesmo a reduzi-los à escravidão todo o género humano e a derrubar o império.

Ademais, outros chefes tinham vindo engrossar as fileiras dos hunos: Valamiro, rei dos ostrogodos do Oriente, e seus irmãos Teodomiro e Vendemiro [35]; Harderico, rei dos gépidas; e, enquanto o exército seguia as margens do Danúbio, valendo-se daquele rio para o transporte das bagagens, juntaram-se-lhe os francos, que na Alemanha habitavam entre os saxões e os alanos [36], ou que talvez fossem apenas uma reunião de vários povos ou tribos que erravam pelos países setentrionais da Europa [37], opinião que vai, na verdade, contra a de Gregório de Tours, e dos historiadores franceses que o crêem verdadeiro neste ponto, a ele, que escreveu 150 anos depois dos fatos passados, mas que é conforme com o que diz Sidónio Apolinário, contemporâneo das personagens, o qual no panegírico de seu sogro, o imperador Avito, que depois foi bispo de Placencia, e que tinha presenciado a batalha dos Campos Cataláunicos, diz que os francos assistiam Átila. Esta opinião é também seguida por Papírio Massonio [38], e por Baronio, nos seus anais [39].

Era pois um exército formidável, o exército de Átila — que acabava de percorrer a Mísia, a Panónia e a Dalmácia, expulsando os visigodos de onde os encontrava, para não deixar atrás de si inimigos que, por serem da mesma nação de aqueles que dominavam em parte da Gália e da Península, que ele queria investir, lhe podiam criar embaraços não os tendo a todos por diante [40] de si.

Não é portanto coisa de estranhar que Teodoredo estivesse preocupado com a indecisa marcha de Átila pela Alemanha. Qual era o fim que tinha em vista e qual o ponto a que se dirigia o terrível chefe? Procurava as riquezas que ainda restavam aos romanos, ou pretendia estabelecer-se na região que os visigodos já tinham por sua?

Pelo seu lado, os romanos não assistiam indiferentes ao avanço de Átila pela Europa; de que lhes valia porém a preocupação, se não tinham forças com que sair-lhe ao encontro para o obrigarem a retroceder?

Tais receios eram de molde a fazer aproximar novamente os romanos dos visigodos, procurando entre ambos desbaratar os planos de um inimigo que devia ser considerado comum. Assim o supôs também o próprio Átila, pois que, como quem fazia primeiramente a guerra com a astúcia [41] preparando-se para mais facilmente a fazer com a força, procurou inimizar os romanos e os visigodos entre si, atraindo um de eles à sua causa, fosse ele qual fosse, para com a sua ajuda desbaratar o outro, e depois, sem esforço, aniquilar o próprio que o ajudara.

Com esse fim escreveu ao mesmo tempo ao imperador Valentiniano III e ao rei Teodoredó [42], dizendo àquele que o seu intuito era unicamente destruir os visigodos para os castigar das injúrias que eles e seus antepassados tinham feito à sua nação, e que a ele, imperador, se não se decidisse a vir ajudá-lo — para vingar Roma do incêndio que lhe tinha posto Alarico — lhe convinha conservar-se neutral, não prestando apoio aos que devia considerar como inimigos.

A Teodoredó escreveu, intimando-o a que se juntasse a ele, Átila, com o seu exército, para guerrear os romanos, aconselhando-o a que não permanecesse neutral, para não ser depois vítima do vencedor. Acrescentava que, se os godos se unissem aos romanos para guerrear, ele era assaz forte para os vencer a ambos e destruir até ao último.

A Aécio não deixou Átila também de escrever em segredo, recordando-lhe a sua antiga amizade e benefícios [43], dando-lhe a entender que ele seria o instrumento da sua grandeza, e mostrando-lhe quão insensato era esperá-la dos imperadores que tão mal tinham correspondido aos seus serviços.

Conheceu Valentiniano a astúcia do chefe dos hunos e escreveu logo a Teodoredó [44] propondo-lhe confederação contra Átila, o inimigo comum. O rei visigodo correspondeu imediatamente à iniciativa do imperador, e preparou-se para a guerra, fazendo grandes levadas tanto na Gália visigótica

como na Espanha, convidando também Sanguibano, rei dos alanos para o acompanhar, o que foi aceite.

De tudo isto foi Átila informado por mensageiros que lhe enviou Genserico, rei dos vândalos da África, o qual anelava a destruição de Teodoredos, sempre receoso da vingança que este mais cedo ou mais tarde poderia tomar da injúria que ele lhe tinha feito à filha.

Estas notícias decidiram o chefe huno a cair rapidamente sobre a Gália, não dando aos confederados tempo para se aperceberem devidamente. Passou o Reno, e, sem obstáculos de vulto, apresentou-se diante de Orleães, a qual fechou as portas [\[45\]](#), e lhe resistiu tão tenazmente que deu tempo a Teodoredos para se reunir ao conde Aécio, indo os dois exércitos em socorro daquela cidade.

Átila viu-se obrigado a levantar o cerco, mas retirou em boa ordem, indo, ao que parece, sobre Lyon, de onde retrocedeu para encontrar-se com o exército romano-gótico nos Campos Cataláunicos [\[46\]](#), onde se feriu a grande batalha em que Teodoredos perdeu a vida.

Morto o rei visigodo, logo ali foi alçado seu filho Turismundo, o qual, no dizer de Idácio Lamecense [\[47\]](#), bispo de Chaves, para vingar a morte do pai, pelejou três dias e três noites sem parar.

Nesta batalha, que nem foi uma vitória decisiva para os confederados, nem uma derrota assinalada para Átila, que, se bateu em retirada, o fez na melhor ordem; nesta batalha, dizemos, julga-se terem pelejado também os lusitanos, recrutados por Sanguibano, rei dos alanos do além Tejo, fato que, a ser verdadeiro, ligaria intimamente a batalha dos campos Cataláunicos com a história da nossa pátria.

Reinado de Turismundo

Morto Teodoredos, após trinta e dois anos de reinado (ano 451), foi aclamado rei seu filho Turismundo: primeiramente no campo da batalha; e mais tarde, com toda a solenidade, foi-lhe ratificada a eleição na sua capital de Tolosa.

É excessivamente obscura a história deste reinado, que os autores quase passam em silêncio. Não obstante, parece depreender-se de Gregório de Tours e de Olai que Turismundo, aliado com Sanguibano, ainda se defrontou segunda vez com Átila, no ano 454, e que, nesse mesmo ano, entrou talando pelas províncias romanas da Gália, conseguindo chegar até Arles à qual pôs apertado mas infrutuoso cerco pelo que se fez de volta a Tolosa, onde morreu algum tempo depois, assassinado, ao que parece, pelo seu valido Ascalerno.

Saavedra Faxardo [\[48\]](#) pretende que Turismundo fez pela Península uma excursão da qual resultou ficarem os alanos reduzidos à obediência dos visigodos.

Reinado de Teodorico II

Depois do assassinato de Turismundo a chefia dos visigodos recaiu em seu irmão Teodorico. O primeiro intento desse chefe foi de conquistar toda a Península, mas como para isso lhe era preciso expulsar os bárbaros que nela estavam habitando — no que esperava ser ajudado pelos celtiberos, visto que estes simpatizavam mais com os visigodos do que com qualquer das outras nações que entre eles se tinham estabelecido, sem do número excetuar os próprios romanos — não quis Teodorico abalar-se a tão arrojado empreendimento sem pedir ao imperador Valentiniano licença para o levar a cabo; pois, como político previdente, entendeu que tinha de sacrificar alguma parcela do seu decoro para poder apresentar-se ante os aborígenes da Espanha de modo a não ser tomado por simples aventureiro que vinha tentar fortuna. Compreendia ademais que lhe era conveniente ter o império em seu favor no caso que Genserico, rei dos vândalos da África, viesse em auxílio dos bárbaros da Península, particularmente no de Requiário, rei dos suevos da Galiza, o qual, apesar de ser cunhado de Teodorico, não hesitaria em sacrificá-lo à sua ambição para dilatar os confins dos seus Estados, que, como já consignámos, formava naquele tempo o mais vasto reino da Espanha.

Os acontecimentos vieram secundar a política e os desejos de Teodorico: Máximo Petrónio, tendo mandado matar o imperador Valentiniano III (ano 455), enviou logo uma embaixada ao rei visigodo para com ele renovar a aliança que este tinha feito com Valentiniano, e também para assegurar-lhe que o senado o reconhecia como senhor independente nas terras que a seus predecessores os romanos tinham concedido.

Enquanto Avito, chefe desta embaixada, se desempenhava da sua missão, foi Máximo assassinado pelos pretorianos, no mesmo ano da sua exaltação. Teodorico incutiu então no ânimo de Avito o desejo deste se

fazer aclamar imperador, prometendo-lhe apoiar com as armas godas as pretensões daquele que então lhe era hóspede.

Deixou-se Avito deslumbrar com a perspectiva do império, e acompanhado pelo exército protetor de Teodorico dirigiu-se a Roma, onde o senado o saudou imperador [49].

Apenas proclamado César pelo senado, Avito mandou uma embaixada a Teodorico para lhe agradecer o auxílio que este lhe havia prestado e para o encarregar de tutelar as terras ainda possuídas pelos romanos na Península, rogando-lhe de as proteger contra a ambição do suevo Requiário, o qual, ensoberbecido pelo êxito, poderia atrever-se a atacá-las. Se este caso se desse, ficava Teodorico autorizado a reclamar a ajuda das armas romanas que na Península se encontrassem, e com elas penetrar no reino suevo, apossando-se, para si próprio, de quanto nele pudesse conquistar.

Esta embaixada vinha portanto confirmar tacitamente que Roma reconhecia a independência do reino visigótico, bem como o direito deste sobre as províncias que, para o formar, tinham sido tiradas do império. Reconhecia-lhe ademais o direito de dilatar-se com terras conquistadas aos outros bárbaros [50].

De Jornandes [51], Bonfino [52], Rodrigo Toledano [53] e João Magno [54] infere-se que Teodorico, talvez para incitar Requiário — de si já muito disposto a expedições guerreiras — lhe enviou embaixadores encarregados de lhe representarem os bens que adveem da paz, bem como os perigos a que expõem as guerras; esses embaixadores deviam particularmente e com insistência ponderar ao rei suevo que Teodorico, ainda que sendo seu amigo e cunhado, não poderia, em virtude da sua aliança com o imperador, nem acompanhá-lo nos lances cujo projeto lhe atribuía, nem eximir-se a opor-se a eles com as armas próprias e com as do império, se ele, Requiário, persistisse em empreendê-los.

Se efetivamente Teodorico só tinha em vista precipitar os acontecimentos, não há dúvida que o plano surtiu-lhe o efeito desejado, pois o rei suevo limitou-se a responder aos embaixadores que: «Não tardaria a encontrar-se com o cunhado em Tolosa, onde o valor de ambos decidiria a sorte» [55].

Não foi preciso mais: Teodorico atravessou os Pirenéus com parte do seu exército e um troço de Borguinhões, meteu-se pela Hispânia, e vindo às mãos com Requiário, nas imediações de Astorga [\[56\]](#), feriu-o e infligiu-lhe grandes perdas.

O suevo pretendeu logo tirar a desforra, mas, exausto de forças, deliberou ir a África para entender-se com Genserico, e, entre ambos, caírem simultaneamente na Península sobre os romanos e os visigodos. Uma tempestade veio porém opor-se ao desígnio de Requiário, que, tendo de acolher-se à foz do Douro, então presidida pelos romanos na margem esquerda do rio, foi preso e levado à presença de Teodorico, que o mandou matar.

Tanto com os suevos como com os celtiberos indígenas da Galiza houve-se Teodorico com suma benignidade, não consentindo que o seu exército saqueasse qualquer outra povoação que não fosse Braga, capital do reino suevo [\[57\]](#), a qual encerrava tão grandíssimas riquezas que as tropas se deram por satisfeitas. Este procedimento, nobre e raro naqueles tempos e naqueles homens, fez com que toda a Galiza se rendesse a Teodorico e o proclamasse seu rei (ano 456).

Como por este tempo o imperador Avito se tivesse já visto obrigado a renunciar ao império, julgou-se Teodorico desligado de todos os compromissos que com ele contraíra, e resolveu, agora que se via poderoso, aumentar o seu reino com despojos feitos aos romanos. Para entrar em campanha, instalou em Braga o visigodo Acliulfo, ao qual entregou o governo da Galiza. Em seguida reuniu um exército, tão formidável pela fama como pelo número, e, passando o Douro, dirigiu-se a Mérida, capital de toda a Lusitânia. Era Mérida famosa entre as mais famosas cidades que os romanos ainda possuíam na Península. Cercou-a Teodorico a fim de a saquear, mas saiu-lhe baldado o intento, porque, dizem alguns historiadores [\[58\]](#), lhe apareceu a advogada da povoação, Santa Eulalia, que o demoveu de tal desígnio, e o obrigou a retroceder suscitando-lhe um inimigo em Acliulfo, o qual, aproveitando a ausência de Teodorico, se fizera proclamar rei da Galiza.

Contra este rebelde mandou o rei visigodo os seus generais Nepociano e Nerico, os quais perseguiram o usurpador de praça em praça, até que,

aprisionando-o em Lugo, o mataram.

Do resto do exército formou o rei godo dois corpos: um deu-o a Ceurila para ir conquistar a Bética, que se lhe submeteu sem efusão de sangue, cansada como já estava das exações dos romanos; o outro tomou-o o próprio Teodorico para guarda sua, e com ele se dirigiu a Barcelona, onde instalou a capital do reino que denominou visigótico — convindo notar que Teodorico nunca se intitulou rei da Espanha, mas sim *rei dos godos*.

Depois do castigo que Nepociano e Nerico infligiram a Acliulfo é impossível determinar os sucessos que na Galiza se deram, apesar de ser a história desta região da Península a que mais nos interessaria por causa da parte que do nosso Portugal nele estava compreendida. Esses acontecimentos deviam porém ser de consideração, posto que, ao pouco tempo de Teodorico a ter reunido à sua coroa, vemos a Galiza dividida em dois reinos, governados, um por Franta, o outro por Remismundo. Estes dois reis, aliando-se, entraram pela Lusitânia romana, e nela saquearam, talaram e destruíram quanto se lhes deparou [59].

Depois de ter instalado a sua corte em Barcelona, e sob o pretexto de vingar a deposição do imperador Avito, Teodorico entrou pelas províncias romanas da Gália, levando tudo a ferro e fogo [60]. Não houve cidade que não entrasse, nem batalha que o detivesse. Lyon, a cidade que melhor resistiu, foi tomada e incendiada [61]. Desde esta façanha porém, parece que nem sempre a sorte lhe continuou a ser propícia, pois que, apesar de continuar na guerra, precisou contrair alianças para não ficar desamparado, dado o caso que os romanos o perseguissem — o que era muito para reear em vista dele não lhes ter querido devolver Narbona, que ocupara mais pela astúcia que pela força (ano 461).

Entre essas alianças sobressai a que Teodorico contraiu com os suevos. Este fato interessa-nos por ser o resultado de acontecimentos sucedidos em território português.

Morto Franta, um dos dois reis suevos de que há pouco falámos, foi eleito Frumário. Esta eleição desagradou ao outro rei, Rumismundo, o qual esperara sempre reunir toda a Galiza sob o seu cetro, quando tal falecimento ocorresse. Sobreveio portanto uma guerra de espoliação durante a qual Iria

Flavia foi destruída por Frumário; Lugo, Orense e outras muitas povoações das situadas à beira-mar, por Rumismundo. Foi este último rei que conseguiu a vitória, e que, apenas se viu livre do seu competidor, reuniu um poderoso exército com o qual se meteu pela Lusitânia. Coimbra não lhe pôde resistir e Santarém rendeu-se-lhe sem defesa. Lisboa, onde Lucídio era então governador pelos romanos, foi entrada [\[62\]](#) e posta a saque.

Não quis o suevo levar mais longe a sua expedição. Temendo porém que os brilhantes resultados obtidos até ali o tornassem alvo da cobiça dos godos, enviou embaixadores a Teodorico para o assegurar da sua amizade e pedir-lhe uma das filhas em casamento.

Foi deste modo que Teodorico conseguiu a aliança a que antes nos referimos, prevendo que com ela lhe ficavam asseguradas as províncias góticas da Península.

Este foi o último ato do soberano godo, o qual morreu assassinado por seu próprio irmão Eurico, ao cabo de treze anos de glorioso reinado (ano 467).

Reinado de Eurico

A divisão política da Península ibérica, quando Eurico sucedeu, pelo fratricídio, a Teodorico II, era a seguinte:

A monarquia sueva, então já unificada, dominava na Galiza, nas Astúrias, em grande parte de Castela a Velha, em quase toda a Lusitânia, e nas atuais províncias de Trás-os-montes e Minho, na última das quais estava situada a capital de todo o reino: Braga.

Aos godos pertenciam a maior parte da atual Catalunha bem como toda a Bética.

O resto do território, composto de parte da Lusitânia, de toda a província Cartaginense, da Carpentania ou reino de Toledo, e das atuais Vascongadas, era ainda domínio romano.

Etnograficamente, havia só dois elementos principais espalhados pela Península: os espanhóis ou celtiberos, que se dedicavam à lavoura, à vida pastoril e à indústria que então poderia haver; e os bárbaros, que até àquele dia tinham vivido apenas da guerra, mas que já principiavam a dedicar-se à vida dos campos. Enquanto ao elemento romano propriamente dito, esse era tão diminuto, que se as províncias que ainda pertenciam constrangidas ao império não se sublevavam para libertar-se do jugo, não era certamente por causa dos exércitos que Roma mantinha na Península, mas tão só pelo receio daqueles com que aquela nação podia, com a celeridade de que só os romanos possuíam o segredo, inundar as províncias que se sublevassem.

Tal era, em resumo, a situação política da vasta região de que o nosso Portugal faz parte, quando Eurico foi eleito pelos godos para reger os destinos da nação que em menos de oitenta anos conseguira substituir aos seus hábitos nómadas e rudes a propensão para constituir pátria e nela fixar o assento do próprio lar.

Coincidindo com os últimos sucessos relatados no capítulo precedente, dera-se perto da Sicília uma batalha naval na qual Basílico, capitão de Leão I, imperador do Oriente, derrotou a frota de Genserico, o velho chefe dos vândalos da África, que pretendia fazer um desembarque na Itália. Esta derrota, que não só influía desastrosamente no prestígio do orgulhoso bárbaro, mas que sobretudo o ameaçava com futuros empreendimentos com que os romanos o molestassem, induziu-o a enviar a Tolosa, onde Eurico tinha a sua capital, uma embaixada e ricos presentes, para oferecer amizade e aliança ao rei godo [63], assegurando-lhe que nenhum embaraço lhe poria, se Eurico se decidisse a assenhorear-se de toda a Espanha e até das Gálias — procurando deste modo distrair a ambição romana para longe de si, intrigando os visigodos contra o império do ocidente, ao mesmo tempo que empregava astúcias para os ostrogodos se moverem contra o oriente, e assim impedir que ambos se reunissem e se aliassem para o combater.

Eurico não se fez rogar para mover-se contra os romanos da Península, antes, pelo contrário, como quem já tinha premeditado o ataque, entrou com um poderoso exército pela Lusitânia, que logo se lhe rendeu, sem que Remismundo se opusesse à empresa, receoso talvez que com ele se repetissem os fatos que no reinado precedente se tinham dado com Requiário, ou acaso por não se julgar seguro da facção sueva que tinha sido partidária de Frumário, e que bem podia aproveitar-se da sua ausência do reino para o substituírem no trono.

Reunida a Lusitânia à monarquia goda, Eurico dividiu o seu exército em dois corpos de operações; um marchou sobre Saragoça e Pamplona sob o comando de um dos seus melhores generais; com o outro, veio Eurico em pessoa pôr cerco a Tarragona, que tomou e mandou desmantelar [64].

A fama destas empresas decidiu os celtiberos das outras províncias a procurar a proteção dos godos, e assim estes obtiveram que, sem relutância, se lhes rendessem Cartagena e Toledo, cidade esta muito importante, desde que, pelo incêndio que àquela mandara deitar o vândalo Gunderico em 421, se tornara sede do metropolitano e de todo o elemento oficial dos romanos.

Com estes sucessos perdeu Roma quase por completo o domínio que durante perto de setecentos anos tinha tido na Península, e firmou-se a monarquia visigótica, cujo rei, embriagado pelo êxito, passou às Gálias para

de elas expulsar também os romanos [65], com quem, dada a sua atitude, já não podia entrar em negociações. Nesta campanha conseguiu Eurico não só o intento com que a iniciara, senão que também saiu vitorioso dos borguinhões; sujeitou ademais os rutenos, os cadurcos, os lemovicos e os gavalitanos, e rematou-a com a tomada de Claramonte (Clermont-Ferrand), a antiga Arverna, de que era então bispo Sidónio Apolinário (ano 474).

Eurico assentou por último a sua capital em Arles, a principal das cidades que os romanos tinham tido nas Gálias. Foi aqui que ele publicou o primeiro código de leis escritas que tiveram os visigodos, sempre até então rebeldes, como já dissemos, a toda obediência à lei [66]. Como este fato, importante na nossa história, tem sido posto em dúvida trasladamos o que a seu respeito diz Saavedra Faxardo na sua *Corona Gotica*: «Esta glória de aver sido Eurico el primer legislador de los Godos la atribuyen algunos al Rey Alarico su hijo, y otros al Rey Teodorico, su Hermano, fundandose en una carta de Sidonio Apolar, donde quejandose de los excesos de Seronato, Prefecto de las Gallias, dize, que pisava las leyes Theodosianas del Imperio, y introducía las de los Godos, llamandolas Theodoricianas. Pero ninguno de los Autores antiguos lo escribe, y asi creemos, que ò es por error de la escritura, ò porque algunas veces Sidonio da à Eurico el nombre de Theodorico, em que tambien pecaron otros, aviendo sido desgraciado en esto, porque à penas ay Historiador que no le aya errado el nombre.»

Eurico tendo conseguido com os seus feitos fazer esquecer o crime a que devia a realeza, finou-se em Arles em 484, ao cabo de dezassete anos de glorioso reinado, deixando recomendado que os grandes elegessem para o substituir a seu filho Alarico, o que foi feito segundo dispusera.

Reinado de Alarico II

Ao principiar o reinado de Alarico II, a monarquia visigótica abrangia toda a Gália narbonense ou Gália gótica, que desde os Pirenéus ia até à margem esquerda do Loire [\[67\]](#), e do Atlântico à margem direita do Ródano [\[68\]](#), bem como toda a Península ibérica, excetuando o que nela pertencia aos suevos, os quais dominavam na Galiza, em parte de Castela, e em todo o Portugal à direita do Tejo. A Cantábria (atuais Províncias Vascongadas), onde os celtas sempre se tinham mantido independentes dos romanos e dos bárbaros, formava como que um Estado à parte.

Confinando com o reino visigótico, ia-se formando ao norte o novo reino de Clodoveu ou Clovis, o qual, tendo abraçado o cristianismo, valeu-se do pretexto de Alarico II ser ariano, como todos os seus antecessores o tinham sido, para ir fomentando contra ele o ódio dos francos [\[69\]](#), na previsão de acontecimentos que lhe consentiriam aumentar os seus domínios à custa dos godos.

Nesta época, extinto já o império romano do Ocidente, reinava na Itália Teodorico, rei dos ostrogodos, protegido por Zenon, imperador do Oriente. Teodorico era cunhado de Clodoveu e sogro de Alarico II, bem como do rei de Borgonha Sigismundo Cundibaldo [\[70\]](#). Estas alianças tinham enfim aproximado pelo sangue as duas casas dos Baltos e dos Amalos, de que já falámos no princípio deste livro, e tinham-lhes assegurado a preponderância entre as demais nações.

Não obstante, a ambição do engrandecimento falando mais alto que a moderação e a conveniência política, criou entre Clodoveu e Alarico II uma inimizade que Teodorico com toda a sua prudência não pôde debelar, — este rei não querendo de modo nenhum que Clodoveu se engrandecesse à custa dos visigodos, não só porque os estimava, senão pelas consequências que do desmesurado engrandecimento do rei franco podiam advir em contra

sua, se o cunhado ou seus descendentes pretendessem invadir-lhe os Estados.

Teodorico empregou pois todos os esforços [71] para evitar que a guerra estalasse entre os dois monarcas; a sua voz porém não foi atendida. A guerra declarou-se, e os exércitos franco e visigótico defrontaram-se em Cinaux [72], perto de Poitiers, onde os visigodos foram destroçados e morto seu rei Alarico II (ano 507), após um reinado de vinte e três anos, durante os quais a paz só foi perturbada no último de eles.

Alarico II, vendo que os romanos que estavam reduzidos à sua obediência não podiam tolerar que os governassem pelos costumes e estilos bárbaros dos visigodos, mandou compilar e promulgou o código do imperador Teodósio a fim de lhes dar leis próprias deles e dispostas a seu modo, ao passo que também organizou para os godos outras leis mais adequadas aos seus ritos e costumes, as quais, com as que seu pai já promulgara, foram a base do célebre código conhecido sob o nome de *Fuero juzgo*.

Interregno

Alarico deixara, do seu matrimônio com Teudetusa, filha de Teodorico, rei da Itália, um filho chamado Amalarico, o qual apenas contava, uns cinco anos quando lhe morreu o pai.

Receosos os visigodos de que uma regência — à qual naquelas épocas faltava a autoridade que dá o mando próprio — fosse insuficiente para conjurar os perigos que podiam vir de Clodoveu, elegeram rei Gesaleico, também filho de Alarico, mas tido fora do matrimônio [73]. Esta eleição desgostou Teodorico, o qual resolveu fazer seus os interesses dos godos, e consequentemente os do seu neto Amalarico.

Um exército, comandado por Iba, passou os Alpes, para arrancar a Clodoveu quanto pudesse do que tinha pertencido a Alarico II. O êxito correspondeu ao empenho, e a monarquia visigótica, depois de ter feito levantar, com o auxílio de Teodorico, o cerco de Carcassona [74] recuperou o senhorio da Gasconha, toda a Aquitânia, e apossou-se da Provença.

Entretanto andava Gesaleico solicitando alianças. Como porém não as encontrasse, valeu-se de um socorro pecuniário que lhe mandou Trasamundo, rei dos vândalos da África, para levantar um exército entre os francos, com o qual passou os Pirenéus. Tendo-lhe os godos saído ao encontro, a umas doze milhas de Barcelona, foi derrotado e morreu na retirada (ano 510).

Receou Teodorico que os da Espanha, para se livrarem da menoridade do neto, elessem outro rei: a fim de obstar a essa eventualidade, mandou como governador para Espanha a Teúdio, e como vigário para as Gálias a Gemelo, ambos varões ilustres e tidos por serem de grande consciência. Tendo assim velado pelos interesses do neto, Teodorico dedicou-se aos negócios próprios, até ao ano 512, em que morreu. Sucedeu-lhe seu neto

Atalarico, o qual sendo também de menoridade, ficou sob a tutela de sua mãe Amalasunta, filha de Teodorico, e então já viúva de Eutarico, da família dos Amalos. Esta regente confirmou a Amalarico o direito que ele tinha sobre a Gália gótica, apesar de esta ter sido recuperada com as armas ostrogodas, e, constituindo-se em sua protetora desvelada, conseguiu que o príncipe chegasse à idade de poder ser eleito rei, o que sucedeu no ano 526.

Reinado de Amalarico

Amalarico, filho de Alarico, fora educado como todos os reis godos seus predecessores no ramo do cristianismo que seguia as opiniões de Ario. Ao chegar à idade núbil casaram-no com Clotilde, filha do rei franco Clodoveu, a qual professava o outro ramo daquela religião.

Desta diferença de crenças parece que resultaram dissidências tão profundas que Clotilde se queixou a seus irmãos dos maus tratos que o marido lhe infligia. Isto fez com que Childeberto, rei de Paris, auxiliado pelos irmãos, invadissem a Gália gótica, levando-a de vencida, e tirando dela inúmeros e ricos despojos [\[75\]](#).

Este fato, e também que Amalarico foi assassinado em Narbona em 531, após cinco anos de infeliz reinado, é quanto se pode depreender dos documentos que a respeito deste rei até nós não chegaram.

Convém notar que no reinado deste monarca é que se celebrou o segundo concílio de Toledo [\[76\]](#) — fato que tem grande importância na nossa história, porque tais concílios tornaram-se, com o decurso do tempo, em verdadeiras cortes nas quais se debatiam os negócios do Estado.

Precedentemente já se tinham celebrado outros concílios na Espanha, sendo o primeiro em Tarragona, com a assistência de dezanove bispos; o segundo em Gerona com a assistência de sete bispos; o terceiro em Lérida, e o quarto em Valência.

Antes do concílio toledano a que acabamos de referir-nos, já Toledo tinha visto reunir-se outro dentro dos seus muros; ignora-se porém o ano em que essa reunião se efetuou porque nunca apareceram as atas dela.

Trasladaremos aqui algumas das decisões dos concílios acima enumerados pois de elas se faz alguma luz sobre a sociedade da época a que

nos vimos referindo:

«Que os clérigos evitem as visitas das suas parentes, e que ao fazê-las levem consigo alguma pessoa de reconhecida virtude [77].»

«Que nenhum bispo receba paga pela defesa das causas, a não ser que lha ofereçam espontaneamente.»

«Que aos bispos seja dada a terceira parte de todas as rendas eclesiásticas [78].»

«Que os que se ordenam tendo a esposa viva se abstenham de ter coito com ela.»

«Que os jovens que se destinam ao culto divino sejam educados em casas onde aprendam as cerimónias [79].» Esta disposição parece indicar que a instituição dos seminários não deve ser exclusivamente atribuída ao concílio de Trento.

Reinado de Teúdio

Teúdio, que, como dissemos (ver *Interregno*), fora mandado por Teodorico para governador da Espanha na menoridade de Amalarico, casou na Península com uma nobre e rica celtibera. Poderoso e magnânimo, este ostrogodo soube, com as suas liberalidades, formar-se um partido que, ao cabo de um interregno de cerca de seis meses, o elegeu para suceder a Amalarico (ano 532).

A história é muda, por falta de documentos, sobre os fatos que na Península se deram desde a morte do infeliz filho de Alarico até à eleição de Teúdio, parecendo poder depreender-se que a monarquia visigótica ficou durante esse interregno sob a tutela dos reis francos, ou talvez incorporada nos seus domínios.

Seja como for, os francos não aceitaram sem protesto a eleição de Teúdio, e, para o destronar, vieram, sob o comando de Childeberto, rei de Paris, e de Clotário, rei da Neustria, pôr cerco a Saragoça.

Como hábil general, dispôs Teúdio dois exércitos: um encarregado de fazer levantar o cerco dos francos e de acossá-los em seguida na direção dos Pirenéus; o outro, comandado por ele próprio, para ir esperar os dois reis francos nos desfiladeiros dos Pirenéus, onde esperava que ficariam colhidos entre o exército que os esperava e aquele que os perseguia. Esta tática teve o melhor dos êxitos, pois os francos voltaram dizimados para os seus quartéis [\[80\]](#).

Embriagado pela vitória, e considerando que os godos não elegiam os seus reis para estes se entregarem ao ócio, mas sim para os guiar na guerra, resolveu Teúdio ir em socorro dos vândalos de África, que Belisário, general de Justiniano, imperador do Oriente, tinha muito apertados. Foi desgraçado nesta empresa, porque derrotado em Ceuta, logo ao empreender

a campanha, teve Teúdio de regressar a Espanha, onde foi assassinado em 548, após dezasseis anos de glorioso reinado.

Com a sua morte coincidiu em África o aniquilamento do reino vândalo que durante cento e vinte anos lá subsistira.

Reinados de Teodiselo, Agildo é Atanagildo

Teodiselo, general que o defunto rei tinha levado consigo quando foi esperar nos Pirenéus o exército dos francos, era sobrinho de Totila, rei dos ostrogodos da Itália [\[81\]](#). Devido a ser de tão nobre estirpe recaíram nele os votos dos visigodos na eleição a que procederam para dar sucessor a Teúdio.

Apenas se viu investido no poder, Teodiselo deu rédea à soberba e à lascívia que o dominavam, chegando a mandar matar secretamente os maridos das mulheres que desejava possuir, ou tão só assacá-los de qualquer crime pelo qual pudessem ser condenados à morte [\[82\]](#). Tendo-se tornado portanto excessivamente odioso, os nobres, irritados contra o seu procedimento, apunhalaram-no num banquete que lhe deram em Sevilha, ao cabo de uns dezoito meses de reinado (ano 548).

Ato contínuo deram-lhe ali mesmo por sucessor a Agildo, nobre de cuja origem e reinado apenas se sabe que logo depois de ser eleito se viu a braços com a guerra civil, causada provavelmente pelos partidários que entre os nobres godos podia ainda ter o assassinado Teodiselo. Talvez que nem guerra civil fosse, mas sim alguma sublevação indígena com a qual os celtiberos pretendessem impor-se aos desregramentos que na corte se iam introduzindo. Em todo o caso, quer se tratasse de um simples pretexto, quer de manifestação mais grave, o foco da discórdia era Córdoba, e contra ela marchou o novo rei, cercando-a com tão pouca felicidade que, numa sortida dos sitiados, o cerco foi interrompido e morto um filho do monarca, sendo este despojado da rica bagagem de que se fizera acompanhar [\[83\]](#).

Mal sucedido em Córdoba, Agildo retirou-se para Mérida, onde a adversidade continuou a persegui-lo suscitando-lhe um inimigo em

Atanagildo, general ambicioso, que, para se fazer proclamar rei pelo exército, pediu auxílio ao imperador Justiniano [84], oferecendo-lhe em troca uma parte da Península. Tendo o imperador grego aceitado a proposta, mandou à Espanha um exército bizantino, sob o comando de Libério, o qual, em Sevilha, venceu e derrotou Agildo (ano 554) [85].

Reconhecendo os visigodos o dano que à nação podia advir da sua divisão em partidos, o de Agildo e o de Atanagildo, tendo ambos Constantinopla por inimigo comum, resolveram desfazer-se daquele rei, o que levaram a cabo em Mérida, assassinando-o, segundo uns, no terceiro ano do seu reinado [86], ou, segundo outros, depois de ele ter exercido a chefatura durante cinco anos e meio — sendo esta última opinião a que foi admitida pelos cronistas alcobacenses [87].

Logo depois do assassínio de Agildo, foi Atanagildo reconhecido rei pelos visigodos, sem exceção de classes, pois todos ansiavam ver a Península livre dos gregos que a ela tinham sido chamados por aquele mesmo em que agora esperavam encontrar energia suficiente para os despedir, visto que tendo satisfeito as suas miras ambiciosas já deles não precisava. Este proceder, iníquo hoje, não era de admirar naqueles tempos, visto que os visigodos podiam, sem ruborizar-se, alegar que a palavra de Atanagildo dada na necessidade não se devia cumprir fora dela, ou que o rei legítimo de hoje não estava obrigado a observar as promessas do pretendente que fora.

Tal devia de ser também a opinião de Atanagildo, pois não tardou a entrar em desacordo com o imperador bizantino. Nessa luta, porém, — se atendermos ao silêncio dos cronistas — ou não foi muito feliz ou não se empenhou assaz, talvez por recear que, numa guerra com Justiniano, não seriam os visigodos que levassem a melhor.

Atanagildo, que alguns escritores dizem ter sido o primeiro rei não ariano dos visigodos, tratou de estreitar alianças com os reis francos da Gália, dando suas filhas Brunilda (a infeliz *Brunehaut* dos franceses) em casamento a Sigeberto da Austrásia, e Galsvinda a Chilperico I, da Neustria. Estas duas princesas, cujas desgraças as tornaram célebres na história, tiveram de haver-se com a ambiciosa Fredegunda [88], primeiramente amante e depois esposa e assassina de Chilperico, a qual

mandou estrangular Galsvinda e se empenhou em denegrir e arruinar Brunilda, que acabou por ser arrastada à cauda de um poldro.

De nenhum outro fato da vida de Atanagildo se faz menção nas crônicas que até nós chegaram. Sabe-se porém que este rei fixou a sua corte em Toledo, onde morreu em 567, após quinze anos e meio de reinado [\[89\]](#).

Reinados de Luiva e Leovigildo

Desde a morte de Amalarico (ano 531), os visigodos vinham contra seu costume elegendo os reis fora da família dos Baltos, quer fosse porque ela estivesse prestes a extinguir-se, quer por qualquer outra razão que os cronistas não mencionam. Seja porém a causa qual for, o caso é que, morto Atanagildo, os visigodos dividiram-se em fações, cada uma das quais tinha o seu candidato à coroa: visigodo o de uns, ostrogódo o de outros, e talvez também algum franco apresentado pela intriga em que todos os bárbaros eram exímios. Entre as fações havia porém uma cujo candidato, Luiva, devia despertar a fibra patriótica dos visigodos, posto que ele era descendente direto da família dos Baltos, e se apresentava patrocinado por Fonda, visigodo da mais alta jerarquia.

Nada sabemos das lutas que entre os diferentes partidos se hajam provavelmente dado naquela conjuntura, devendo porém ter sido de importância posto que só ao cabo de um prolongado interregno [\[90\]](#) é que Luiva conseguiu prevalecer sobre todos os seus competidores.

Este chefe tinha porém degenerado da inclinação cordata e guerreira dos seus antepassados. Em vez de se ocupar do engrandecimento da nação procurando ensanchar-lhe os limites, confinou-se em Narbona, e abandonou-se ao ócio, que os visigodos tanto odiavam; e, para que no seu sossego fosse o menos perturbado possível, dividiu o reino, ao cabo de um ano de governo, em duas partes, ficando ele com a Gália gótica, e dando a Espanha a Leovigildo, seu irmão, a fim deste a defender contra as pretensões e os ataques das armas imperiais de Bizâncio que, de auxiliares, se tinham convertido em inimigas [\[91\]](#).

Com muito descanso e pouca glória viveu Luiva uns três [\[92\]](#) ou cinco [\[93\]](#) anos, não se sabe ao certo, ficando todo o reino visigodo, quando ele morreu, sob a chefatura de Leovigildo, o qual, de génio diferente ao do

irmão, longe de se recrear no ócio, se dedicou à guerra, movendo-a primeiramente contra as fações visigóticas que não tinham ficado satisfeitas com a eleição de Luiva. Desta guerra que foi, segundo se crê, a primeira das guerras civis que na Península se deram, saiu vitorioso o rei Leovigildo, desbaratando os insurretos primeiramente nos campos de Baeza e pouco depois em Málaga, que tomou, e por último em Medina Sidónia. Pacificado o sul, percorreu o centro da atual Castela a Velha e a Biscaia, na qual os celtas continuaram defendendo tenazmente a sua independência; daí passou à Aquitânia, onde um certo Alpídio se levantara contra ele.

Feliz em todos os empreendimentos que acabamos de mencionar, Leovigildo volveu o olhar cobiçoso para o reino suevo, a cujo rei Ariomiro quis declarar guerra sob pretexto de religião, pois este, como todos os suevos, era católico romano, ao passo que o rei visigodo, como todos os grandes da sua nação, era da comunhão ariana.

As hostilidades não chegaram porém a romper-se porque Leovigildo viu-se obrigado a distrair a sua atenção para outra parte ao ver-se inesperadamente atacado por um exército que o imperador Justino mandava à Espanha para ocupar as províncias a que se supunha com direito por terem pertencido ao império. Do resultado desta guerra nada dizem os historiadores, mas é provável que fosse favorável aos visigodos posto que os gregos não permaneceram na Península nem deixaram nela nenhum presidio.

Qual seria, depois desta campanha, o estado da Península em geral, não se sabe ao certo; parece contudo que as discórdias continuavam entre os visigodos, sendo muito provável que o descontentamento proviesse da preponderância que o clero pretendia ter, tornando-se dirigente dos negócios, e da reação que contra essa pretensão elevava o povo que dia a dia via os seus costumes alterados pela lei escrita à qual os seus antepassados sempre tinham sido tão opostos.

Tal foi, provavelmente, a razão por que Leovigildo — obrigado a sufocar várias rebeliões que por este tempo se manifestaram num e noutro ponto do reino — se viu na impossibilidade de ocupar-se por então da conquista do reino suevo, a qual tanto a peito desejava levar a cabo para unificar o seu poder em toda a Península.

Acontecimentos de outra ordem veem nesta altura para serem relatados, por não só serem importantes em si, senão porque fazem alguma luz sobre a vida moral da família e na social da nação.

Leovigildo casou duas vezes: a primeira esposa foi Teodósia, irmã de três varões que foram canonizados: S. Izidoro, S. Fulgêncio e S. Leandro, os quais também tiveram uma irmã canonizada, Santa Florentina. O segundo matrimónio efetuou-o Leovigildo com Gosvinda, viúva do rei Atanagildo, seu predecessor.

Do primeiro matrimónio houve dois filhos, Ermenegildo e Recaredo, os quais associou ao governo para intentar estabelecer de fato a sucessão à coroa — reconhecendo, pelos sucessos que precederam e pelos que se seguiram à eleição de seu irmão Luiva, o perigo que havia em deixar ao arbítrio dos grandes e dos chefes do exército a eleição dos soberanos.

Para assegurar a paz da nação com os reis que então dominavam na Gália, casou Ermenegildo com Ingunda, filha de Sigisberto, rei da Austrásia. Como esta princesa era católica, e o marido se achasse muito apaixonado por ela, este abjurou o arianismo em que tinha sido educado. Esta abjuração não foi de agrado de Leovigildo, e por isso mesmo derivaram dela ódios domésticos e dissensões tais que levaram o pai e o filho a prepararem-se para a guerra civil — aquele reunindo todas as forças que lhe tinham ficado fieis, e que eram a maioria do exército; o filho, pedindo ao imperador Tibério que o auxiliasse, em troca de concessões de território que antecipadamente lhe fazia, dando em reféns, como penhor das suas promessas, a própria esposa Ingunda, e o filho dela havido, Teodorico.

Entre estes preliminares e o rompimento, que não chegou a efetuar-se, das hostilidades, não se sabe o que se passou. É porém para supor que Leovigildo, arteiro e político, soube atrair à sua causa os chefes do exército imperial que o vinham combater, e assim ficou Ermenegildo sem a mulher, sem o filho, e sem a força com que contava, tendo ainda por cima de indemnizar o imperador das despesas que a expedição lhe originara.

Entretanto ia Leovigildo precavendo-se contra quaisquer futuros sucessos que o pudessem molestar, pois nem se fiava na paz aparente que o filho lhe concedia, nem confiava demasiado na adesão que os seus

partidários até então lhe não tinham negado. Arteiro e político, como já dissemos e se compreende que era, procurou na religião o apoio que conhecia ser-lhe necessário. Reuniu em Toledo um concílio ariano no qual fez declarar aos prelados que o compunham que «Na santíssima Trindade o Filho era igual ao Pai», pela qual declaração muitos partidários da doutrina romana se apartaram de Ermenegildo por verem que no ponto principal os arianos estavam de acordo com os concílios.

Ermenegildo vendo-se desamparado foi refugiar-se em Sevilha; o ódio do pai foi porém persegui-lo até ali: feito prisioneiro e encerrado numa torre lá foi degolado por ordem do rei [\[94\]](#). Pretendem outros que o rei se fez acompanhar pelo filho até Toledo, mandando-o depois desterrado para Tarragona, onde o assassinaram [\[95\]](#).

Vendo os gregos que a sua vinda à Península não lhes dera mais despojos que o ouro com que Leovigildo os corrompera ou pagara, voltaram-se a Constantinopla levando consigo a esposa e o filho de Ermenegildo, personagens das quais nenhum historiador volta a falar.

Deste acontecimento valeram-se Childeberto, rei da Austrásia, irmão de Ingunda, e Gontrão, seu tio, rei da Borgonha e de Orleães, para moverem guerra aos visigodos — aparentemente sob pretexto de vingar a afronta feita à princesa, mas, na realidade, para satisfazer o desejo de se apossarem da Gália gótica, desejo que não puderam satisfazer porque Leovigildo os venceu, levando-os seu filho Recaredo de batida pela França dentro.

Prevendo que com esta vitória já nada tinha a recear da parte dos francos, Leovigildo tornou a lançar os olhos para o reino dos suevos, desta vez porém com pretexto diferente do da religião. Foi o caso que tendo Andeca, nobre suevo, usurpado a coroa a Eborico [\[96\]](#), obrigando-o a professar num mosteiro, valeu-se Leovigildo da ocasião para entrar na Galiza com um exército destinado, dizia ele, a reintegrar no trono o rei destronado. Vencido o usurpador, levantou-se logo outro para o substituir, o qual, sendo também vencido pelo rei godo, lhe proporcionou o ensejo de reunir o reino suevo aos seus Estados, para assim impedir que ele continuasse a servir de alvo às ambições dos nobres daquele povo.

Tal foi o modo como ao cabo de mais de cento e setenta anos de existência desapareceu de Espanha o domínio dos suevos, cujos últimos reis convocaram o segundo concílio de Braga e o segundo de Lugo.

Além de ser guerreiro, Leovigildo também foi legislador — causa do desagrado que o seu povo lhe manifestou pelas razões anteriormente indicadas.

Edificou a cidade de Victória, assim como outra a que os cronistas dão o nome de Hecopólis, presumindo alguns ser a atual Ojeda.

Leovigildo foi o primeiro rei visigodo que usou os emblemas da realeza: cetro, diadema e manto.

Morreu em Toledo ao cabo de dezoito anos de reinado, tendo, nos últimos tempos da vida, julgado conveniente à sua política converter-se ao catolicismo romano.

Reinados de Flávio Recaredo e Liuva

Recaredo, o primeiro dos reis visigodos que tomou o nome de Flávio, que quase todos os seus sucessores adotaram depois, sucedeu a seu pai Leovigildo em 585, declarando-se tão abertamente católico que mandou reunir em Toledo todos os livros arianos que andavam espalhados pela Península, para fazê-los queimar.

Todos os escritores são unânimes em elogiar este príncipe, clemente, liberal, prudente e pio, que soube conservar com a paz o que seu pai tinha conquistado com a guerra, ao passo que governou o reino com justiça e moderação.

Gontrão, rei de Borgonha, intentou por duas vezes (a última em 588) arrebatá-lo aos visigodos a Gália gótica; foi porém mal sucedido nas duas empresas [\[97\]](#), o que contribuiu para tornar respeitado o poder de Recaredo, sem isso o impedir de dedicar-se com atenção aos negócios internos da nação.

Este rei reuniu em 589 um concílio em Toledo, o qual foi o terceiro concílio toledano; a ele concorreram sessenta e nove prelados, entre os quais se contaram cinco metropolitanos: os de Toledo, Braga, Mérida, Sevilha e Narbona. Presidiu-o S. Leandro, metropolitano de Sevilha. Este concílio, por nele se terem debatido tanto assuntos sagrados como profanos, pode ser tido em conta das primeiras cortes gerais que os reis visigodos reuniram, pois no sucessivo não foram só prelados que tomaram parte nestas assembleias, mas também os grandes, os ministros, os juizes e os oficiais do património real. Nas atas deste terceiro concílio encontra-se já a assinatura de três seculares chamados Fonsa, Afrila e Aquila.

Recaredo tendo perdido sua esposa Bada, contraiu segundas núpcias com Clodosvinda, irmã de Childeberto, rei de França, o que permitiu ao rei

visigodo não tornar a ver o seu reinado perturbado com as ambições dos francos a respeito da Gália gótica.

Recaredo pretendeu acabar de expulsar da Península os romanos e gregos que por ela ainda andavam espalhados; parece que não o pôde conseguir completamente, mas coube-lhe trazer à obediência os indómitos Vasconços [\[98\]](#), que faziam contínuas correrias pelas províncias que lhes ficavam mais próximas.

Vários concílios, além daquele que acima fica mencionado, se reuniram no reino visigótico durante o reinado deste príncipe, sendo um deles em Narbona, e os restantes em Sevilha, Saragoça, Huesca e Barcelona. Em Toledo houve outro, que não entra no número dos classificados, porque as suas atas foram achadas posteriormente ao catálogo que deles se fez.

Após um reinado glorioso e feliz, veio Recaredo a morrer em Toledo no ano 601, deixando provado aos visigodos que uma nação pode ser forte e rica sem necessidade de se meter em aventuras guerreiras.

Sucedeu-lhe seu filho Liuva, que apenas chegou a reinar dois anos, sem que neste tempo os seus atos merecessem menção especial. Foi assassinado por Viterico, que lhe sucedeu (ano 603).

Reinados de Viterico e de Gundemaro

Viterico, de Mérida, tinha sido um jovem turbulento que se tornara saliente na Lusitânia. Como ele e alguns amigos seus não se conformassem com o ócio em que a paz deixava aqueles que por índole aspiravam às empresas militares, foi criando entre os irrequietos um partido que acabou por aceitá-lo como chefe. Foi à frente desse partido que Viterico, não podendo decidir Liuva a nenhuma expedição guerreira, ergueu o grito de rebelião, apunhalou o monarca, e se fez aclamar rei dos visigodos.

O seu reinado durou uns sete anos, durante os quais o monarca perdeu aqueles ardores guerreiros que dele tinham feito um assassino. Em primeiro lugar não soube vencer as tropas imperiais que Bizâncio, sob fúteis pretextos, fez desembarcar na Península, e que nela teriam permanecido se não fosse uma sublevação popular que perto de Sigüenza as desbaratou completamente, perseguindo-as até as obrigar a fazerem-se ao mar rápida e vergonhosamente.

Em segundo lugar cobriu-se de vergonha não tirando desforço do insulto que lhe fez Teodorico, rei da Borgonha, que, no dizer de Aimoin [\[99\]](#), lhe devolveu, sem com ela coabitar, a filha Hermemberge, que Viterico lhe oferecera em casamento, ficando porém com as joias e dinheiro que a esposa lhe levava em dote.

Estas provas de fraqueza tornaram Viterico odioso a todos os partidos, inclusivamente àquele que o elevara ao trono, e do qual saiu a mão que lhe vibrou a morte no ano 610.

Era tal a aversão e o desprezo que o povo sentia por este rei, que depois de morto lhe arrojaram o cadáver a um lugar imundo [\[100\]](#).

Gundemaro, chefe da sedição regicida, foi eleito rei, e ungido em Toledo por Aurásio, que então ocupava aquela sede metropolitana. Esta

cerimônia da sagração tinha sido até àquele dia ignorada entre os visigodos, autorizando-se porém Gundemaro com ela, provavelmente para granjear a benevolência do clero, ao qual, no decurso do seu curto reinado, concedeu grande número de regalias, entre as quais se destaca a imunidade eclesiástica na Península [\[101\]](#), e a lei da inviolabilidade dos templos concedida em favor dos que a eles se acolhessem.

No seu reinado reuniu-se um concílio em Toledo para nele se decidir a qual das sedes pertencia a primazia da província Cartaginense, se à de Toledo, capital da monarquia, se à de Cartagena onde residia o metropolitano antes de aquela cidade ser destruída por Gunderico, rei dos Vândalos.

Esta circunstância revela claramente que no século VII não era o arcebispo de Toledo considerado primaz das Espanhas, posto que, se o fosse, não lhe disputariam a primazia sobre uma das suas províncias. Nada milita porém em favor desta primazia para Braga, maiormente sabendo-se que Santiago, Tarragona e até Narbona se julgavam com direito a ela.

O reinado de Gunderico durou apenas vinte meses, durante os quais só teve de tomar as armas uma vez para sufocar uma rebelião dos Vasconços.

Reinados de Sisebuto e de Recaredo II

Durante o reinado de Gundemaro muitas cidades visigóticas tinham-se manifestado em favor dos descendentes dos Baltos, em cujas mãos pretendiam repor o cetro; os grandes, porém, e o clero sobretudo, tomaram voz por Sisebuto, e elegeram-no logo depois da morte de Gundemaro (ano 612). Esta eleição foi seguida de sublevações que o novo rei teve de ir reprimir, sendo as mais importantes as que se deram nas Astúrias e na região da atual Rioja. Sufocadas estas rebeliões, e para impedir que outras se originassem pela mesma causa, tomou Sisebuto para seu coadjutor a Suíntila, filho do rei Recaredo, conseguindo assim acalmar um tanto a má vontade dos visigodos devotados à família dos seus antigos chefes.

Parece que os gregos que no reinado de Viterico vieram à Península conseguiram ficar presidiando alguns pontos não só na costa do estreito de Gibraltar e nas suas imediações como também nas costas da Lusitânia. Esta intrusão ofendia o brio nacional dos visigodos, e Sisebuto, para atrair-se as simpatias do povo, levantou um exército com o qual expurgou toda a Península do elemento estrangeiro.

Como a cordura dos visigodos se tivesse coadunado com a sensata desambição dos celtiberos, a Península tinha parecido, durante o último século, um seguro abrigo aos infelizes judeus que desde a destruição de Jerusalém eram mal vistos por todo o mundo que tinha abraçado o catolicismo, e do qual, por toda a parte, eram repelidos. Vindo alguns à Espanha, para nela traficar, encontraram, senão a benevolência, pelo menos uma indiferença que lhes pressagiava uma relativa tranquilidade se nela se estabelecessem. Assim o fizeram, e como a sua civilização e indústria eram agradáveis ao povo, vieram famílias e famílias fixar-se na Península. Lisboa foi um dos pontos a que maior número convergiu, já porque o clima lhes era agradável, já porque os Lusitanos não tinham, ao que parece, naquele tempo, o mínimo fanatismo religioso.

À sombra da tolerância foi o elemento judaico prosperando em bens, e em pouco menos de um século tinham os judeus, pelo seu trabalho e pela sua atividade, tornado-se senhores de uma boa parte do solo, podendo dizer-se que, pela fortuna, eram eles que no princípio do reinado de Sisebuto, gozavam de maior preponderância.

O clero, porém, desde que entre os visigodos se iniciara a discórdia política que tinha levado a chefatura do Estado para outros que não eram da família dos Baltos, tinha vendido aos reis intrusos a sua benevolência em troca de todas as concessões que lhes pudera arrancar. Uma delas, aquela em que mais se empenhavam, era a expulsão dos judeus e a consequente confiscação de seus bens em favor da Igreja. Nenhum dos reis predecessores de Sisebuto tinha tido a audácia do fato que lhe impunham; ele, porém, reconhecendo que a chefatura da nação periclitava na sua pessoa se por um ato qualquer não se atraísse o favor do clero, obrigou os judeus a abraçarem o catolicismo, sob pena de expulsar de toda a Península e da Gália gótica quantos não obedecessem à sua injunção, e se recusassem a receber o batismo. Aos remissos rapava-se-lhes a cabeça, davam-se-lhes cem açoites e confiscavam-se-lhes os bens, motivo pelo qual todos os cronistas católicos exaltam muito o zelo religioso deste rei.

À parte estas mesquindades, Sisebuto foi um homem de iniciativa que procurou o engrandecimento da pátria. A África fronteira às costas peninsulares chamou-lhe particularmente a atenção, e para a investir, mandou organizar uma forte armada e instruir os visigodos na arte náutica. Assim conseguiu passar à Mauritânia Tingitana, onde estabeleceu presídios que, menos de um século depois, deviam originar a vinda dos árabes à Península.

Sisebuto fez de Évora a sua segunda capital, reconstruindo-a e fortificando-a. A ele também se deve a reunião do segundo concílio de Sevilha, no qual foi condenada a doutrina dos *acéfalos*.

Após oito anos e meio de reinado morreu este rei, sucedendo-lhe Recaredo II, seu filho (ano 621), que a morte arrebatou ao cabo de três curtos meses de reinado.

Reinados de Suíntila, Sisenando, Flávio Chintila e Tulga

Flávio Suíntila foi eleito rei pelos visigodos, não só por já ter sido coadjutor de Sisebuto, mas também por ser filho de Recaredo, rei da família dos Baltos.

Nas funções que já tinha exercido, Suíntila tinha dado provas de grande valor e de arrojado capitão. Nos primeiros tempos do seu reinado não desmereceu dessa fama, pois chegou a subjugar os gascões e a limpar completamente as costas da Península dos presídios que o Império tinha conseguido reestabelecer na Espanha quando Atanagildo pediu ao Oriente que o auxiliasse para destronar o rei Agila. Conseguiu também reduzir os cântabros à obediência, deixando-lhes porém conservar os seus antigos foros e ritos.

Desconfiando sempre da boa fé dos francos, Suíntila fundou as cidades de Olite, na Navarra, e de Fuentarabia, perto da foz do Bidassoa, para lhe servirem de pontos avançados que pusessem a Península ao abrigo das surpresas daquela nação.

Depois destes fatos, só de si suficientes para engrandecer o nome de Suíntila, caiu este rei no desagrado geral por se deixar guiar pelos conselhos da esposa, Teodora, e de seu irmão Agilano [\[102\]](#). Desgostoso, abdicou o cetro em favor de Sisenando (ano 631).

Este sistema de sucessão desgostou profundamente os visigodos, sempre zelosos do privilégio que tinham de serem ouvidos na eleição do rei. Houve dissidências que originaram discórdias e tumultos, o que obrigou Sisenando a valer-se da proteção de Dagoberto, rei de França, para este o ajudar a manter-se no poder.

São muito obscuras e discordes as crônicas daquele tempo para que seja possível desvendar as consequências do fato, e até se o próprio fato se deu. O que é certo é que no ano 633 o quarto concílio de Toledo reconheceu Sisenando por rei [\[103\]](#), certamente em troca de novas concessões e regalias, pois o clero, naquela época, já em todo o orbe católico postergava o direito ao interesse próprio.

Sisenando morreu em Toledo ao cabo de três anos e dois meses de reinado.

Chintila sucedeu a Sisenando, e reinou três anos sobre os visigodos. Os cronistas apenas se referem a este rei para notificar que foi ele que mandou convocar em Toledo os concílios quinto e sexto, nos quais se decretou que a coroa, no sucessivo, só podia ser acessível aos visigodos nobres, e que o rei eleito, antes de sentar-se no trono, devia jurar que guardaria e faria guardar a religião católica, e que não consentiria nos seus Estados nenhuma pessoa que a não seguisse e observasse.

Foi Tulga quem sucedeu a Chintila no ano 639. Reinou apenas dois anos, sem que dos historiadores se possa inferir senão que foi muito reto e religioso [\[104\]](#).

Reinados de Chindasvinto e de Recesvinto

Apesar dos concílios de Toledo terem decretado, e do uso ter estabelecido, que só pela eleição se podia ascender ao trono, conseguiu Flávio Chindasvinto sentar-se nele pela força das armas, pois como descendente do rei Recaredo conseguira tornar-se chefe de um partido muito numeroso.

De nenhum feito notável deste rei se faz menção nas crónicas daqueles tempos; sabe-se porém que, com consentimento dos eleitores, nomeou para seu sucessor a Recesvinto, seu filho, no qual abdicou em 649 para poder retirar-se à vida privada.

Flávio Recesvinto, ao cabo de cinco anos de reinado obscuro, reuniu o oitavo concílio de Toledo. Esta assembleia chegou a reunir sessenta e dois bispos, dez abades e seis condes, afora as principais dignidades da sé de Toledo. Uma das suas decisões derrama muita luz sobre o estado social da Península naquela época. Considera o concílio que a dominação dos reis precedentes havia sido pesada e dura de sofrer, pois eles mais se tinham ocupado em destruir os súbditos que em conservá-los e defendê-los, visto que os despojavam para se enriquecerem e enriquecer os seus, resultando que nem os de baixa condição tinham com que viver nem os grandes se podiam sustentar dignamente, achando-se as casas despojadas, os campos talados, os patrimónios destruídos, e as fazendas em tal estado que nem ao fisco podiam aproveitar.

Ordena portanto que tudo quanto o rei Chindasvinto houvesse adquirido desde o dia em que principiou a reinar se reservasse para os seus sucessores, não podendo nenhum monarca no sucessivo dispor em favor dos seus herdeiros ou legatários senão do que lhe pertencesse antes desse

dia. Ordena também que logo que o rei venha a falecer se reúnam os bispos e os ministros do Palácio para lhe elegerem sucessor.

Dois anos depois reuniu-se em Toledo o nono concílio, e no ano seguinte o décimo. Foi neste que se apresentou Podamio, arcebispo de Braga, o qual confessou entre lágrimas e soluços que tinha cometido um pecado carnal com uma mulher, motivo porque deixara voluntariamente de administrar a sua igreja e diocese, vivendo desde então retirado num carcel para redimir a culpa. A espontaneidade da confissão e a voluntária penitência que o prelado se impusera, moveu o concílio a misericórdia, e por isso Podamio foi *apenas* condenado a fazer penitência perpétua e a ser privado da sua igreja, que foi dada a São Frutuoso, bispo dumienne.

Foi no reinado de Chindasvinto que santa Irene, virgem lusitana, morreu a mãos do nobre Britaldo, que a queria desposar à força. O cadáver da vítima foi, segundo a lenda, arrojado ao rio Nabão, aparecendo alguns dias depois nas margens do Tejo, próximo a Scalabis, pelo que esta cidade passou a chamar-se Santarém [\[105\]](#).

Também foi neste reinado que floresceu S. Ildefonso, o qual, diz Luitprando, foi pouco agradável ao rei e à corte porque repreendia os vícios de todos. Este prelado disputou vantajosamente, no dizer dos cronistas, com Pelágio e Teúdio que desde a Gália gótica passaram à Península atacando a pureza da Virgem Maria.

Como fato importante, contemporâneo deste rei, deve mencionar-se o incremento, que na África iam tendo as armas muçulmanas, as quais já circundavam os limites da Mauritânia tingitana que desde o reinado de Siseberto permanecia sob o domínio dos visigodos.

Recesvinto, ao voltar de uma expedição com que foi sufocar uma sublevação dos sempre indómitos vasconços, morreu em Gertico, perto de Valladolid, tendo governado cerca de vinte e dois anos (ano 672).

Reinado de Vamba

Não tendo Recesvinto deixado filhos e não recaindo em nenhum de seus irmãos a maioria dos votos dos eleitores, concordaram todos em oferecer a chefatura suprema da nação a Vamba, membro também da família dos Baltos e parente próximo do falecido rei.

Vamba, mais inclinado ao misticismo do que às armas, recusou desde logo aceitar o pesado cargo que lhe impunham, alegando que a sua avançada idade não lhe permitiria sustentar devidamente o peso do governo. Instado porém, e até ameaçado por um guerreiro de ter de aceitar o cetro ou de morrer, Vamba acabou por se decidir, não por temor à ameaça, mas «por se persuadir que uma força superior tinha movido aquele capitão a falar-lhe assim» [\[106\]](#).

Não foi esta eleição muito bem acolhida por todos, pois a muitos pareceu que não merecia a coroa quem dela se julgara indigno. Foi talvez devido a essa opinião que os irrequietos vasconços se sublevaram mais uma vez logo no princípio do novo reinado, e que outra sublevação, mais formidável que nenhuma das precedentes, estalou na Gália gótica, onde Hilderico, governador de Nimes, recusara abertamente reconhecer Vamba como rei, sendo seguido na sua recusa pelos principais da nobreza e pelo clero.

Vendo-se a braços com duas rebeliões, decidiu-se Vamba por marchar ele próprio contra os insurretos da Vascónia, ao passo que investia no mando de um forte exército que enviava à Gália o general Paulo Homem, grego de nação, apesar de ter por mãe uma dama de nobre estirpe visigótica. Este general foi traidor ao rei, pois logo se bandeou com os sublevados que ia encarregado de combater, e tanto se insinuou nas boas graças do clero e da nobreza que foi proclamado rei. Esta aclamação foi sancionada pela

vontade de toda a Gália gótica, e a ela aderiu também a Catalunha, que ficou por um momento desmembrada do governo de Toledo.

Estas desgraças, originadas pelas péssimas administrações precedentes, eram o protesto de um povo que mostrava o seu descontentamento ao ver, de há muito, as grandes ações sem prémio, e os grandes crimes sem castigo. Ademais, todos estavam cansados de pagar tributos para gastos inúteis e supérfluos, de ver a justiça mal administrada e a autoridade real desprestigiada [\[107\]](#).

Transformados de guerreiros ambulantes em camponeses amantes do solo, os visigodos tinham perdido o costume de procurar a riqueza com a ponta das lanças, e queriam radicar-se no hábito de a adquirir com a charrua ou com a procriação dos seus gados; os tributos porém esmagavam-nos, e esses tributos, longe de servir para engrandecer a pátria, iam avolumar as riquezas de uns poucos que se tornavam tanto mais tiranos quanto as régias liberalidades lhes aumentavam os bens e o poder.

Perante tais desgraças sentiu o ancião Vamba reanimá-lo um ardor de juvenil campeão. Entrou pela Vascónia, onde, talando e abrasando campos e lugares, conseguiu, no curto espaço de sete dias, que os chefes insurretos lhe pedissem a paz [\[108\]](#). Concedeu-a benignamente o rei, e tendo recebido em reféns os principais da nobreza vasconça, bem como as contribuições que impôs, marchou por Calahorra e Huesca para entrar na Catalunha, em cujos confins dividiu parte do exército em três corpos, dos quais mandou um pela Cerdenha, outro por Vich, e o terceiro pelo litoral, seguindo ele após este com o grosso das forças.

Relataremos aqui, como fato elucidativo dos costumes daquela época, que tendo chegado ao conhecimento de Vamba que alguns soldados haviam cometido adultérios e excessos com donzelas, lhes mandou cortar os prepúcios [\[109\]](#).

Sem grande dificuldade rendeu Vamba toda a Catalunha, donde logo prosseguiu até entrar na Gália gótica, que foi submetendo, cidade por cidade, até ficar só Nimes a arvorar o pendão rebelde. Nesta cidade tinha-se refugiado Paulo Homem, que nela se defendeu heroicamente. Caindo alfin em poder do rei visigodo, Vamba lhe perdoou a vida bem como a todos os

rebeldes, mas degradou os chefes da nobreza mandando que lhes rapassem a cabeça, o que então constituía a maior das humilhações, e limitou-se a não infligir pena maior que a de prisão perpétua para os que tinham sido mais culpados.

Chilperico II, rei de França, julgando que esta era a ocasião propícia para tornar-se senhor da Gália gótica, saiu com um numeroso exército para a devastar; quando porém soube que Vamba triunfara dos rebeldes desistiu da empresa e retrocedeu, antes mesmo de ter chegado aos confins dos seus Estados [\[110\]](#).

Vamba, tendo pacificado todo o reino, regressou a Toledo. Principiou então a ocupar-se de fortificar esta sua capital por fora das muralhas que já existiam do tempo dos romanos, dando assim maior área à cidade. O resto dos ócios que ele soube conquistar, dedicou-o aos cuidados da administração, e convocou um concílio, que foi o primeiro que se celebrou em Espanha depois do último que nela houvera dezoito anos antes. Neste concílio, o undécimo toledano, decretou-se que todos os anos o rei, ou o metropolitano, convocasse uma dessas assembleias em que, a par das coisas da religião se fosse statuindo sobre o que convinha à administração e à política do Estado.

No quarto ano do reinado de Vamba houve um concílio em Braga, também por ele convocado, e deste convém tomar nota, pois o fim principal da convocação tinha por objeto acabar de vez com os abusos que se vinham dando na Igreja de todo o antigo reino suevo, onde muitos sacerdotes celebravam a missa com leite em vez de vinho, ou com mosto [\[111\]](#), dando a comunhão com pão molhado no vinho, sendo também muito usual que empregassem os vasos sagrados no serviço doméstico. Também era então costume que os bispos desta região trouxessem pendentes do pescoço as relíquias dos santos das suas igrejas e que se fizessem levar em andas pelos diáconos [\[112\]](#). Todos estes abusos foram reprimidos e muito asperamente censurados por Vela, bispo britaniense (hoje Mondoñedo), como sendo mais comuns na parte da Galiza situada à esquerda do rio Minho (ano 674).

Vimos num dos capítulos precedentes que o elemento árabe já então tinha tomado grande desenvolvimento na Mauritânia. Os visigodos, pela sua parte, também tinham, pelo menos na costa daquele país, alguns

presídios, o que estabelecia entre as duas raças o conseqüente antagonismo. A rivalidade chegou a ponto de Vamba ter de repelir no estreito de Gibraltar, com muita felicidade, pelo menos uma invasão de muçulmanos que com duzentos e setenta navios se dirigia à Espanha [\[113\]](#), sendo esta a primeira batalha naval espanhola de que fazem menção as crônicas peninsulares.

Com o feito que acabamos de relatar findam as façanhas e a história do último grande rei que tiveram os visigodos. Do que, no sucessivo a estes acontecimentos, respeita a Vamba, são muito contraditórias as narrativas. Uns dizem que o rei, velho, doente e alquebrado, desistiu voluntariamente da chefatura da nação para nela fazer investir a Flávio Ervígio, que muitos supunham descendente de Chindasvinto; dizem outros — e talvez seja essa a opinião que se deva seguir — que Ervígio, impaciente por ver-se elevar à suprema autoridade, obrigou o velho rei com ameaças e más artes a abdicar em seu favor e a envergar o hábito monacal [\[114\]](#).

Reinado de Ervígio

Ervígio, ao sentar-se no trono, não foi alvo das aclamações populares, porque o povo tinha ainda presente a retidão com que Vamba administrara a justiça, a prudência com que governara, e a coragem com que guiara o exército à vitória — predcados, todos esses, com que dera grande esplendor à coroa. Em contra, esse mesmo povo não via com bons olhos o novo rei, pois sussurrava-se que este devia a realza à astúcia, e talvez até ao crime.

Esta má disposição dos ânimos não passou despercebida a Ervígio, que chegou a recear pela segurança da sua coroa. Isto decidiu-o a arrostar por tudo, e assim, logo no primeiro ano do seu reinado (681) convocou o duodécimo concílio de Toledo para intentar que este o confirmasse no sôlio em que não se via bem assente.

Alguns amigos do rei opunham-se a esta convocação ponderando-lhe que em vista de ele se achar na posse do trono não devia tornar duvidoso o seu direito, remetendo-o à aprovação dos padres. Expunham-lhe também a possibilidade de Vamba querer fazer-se ouvir no concílio, e que, arrependido de ter abdicado, imputasse essa abdicação à coação de Ervígio. Por último, e como argumento decisivo, demonstravam-lhe que ele ia assim confessar que só poucos direitos sabia ter à coroa, o que não deixaria certamente de influir em Teodofredo, descendente de Recaredo pela linha masculina, para este vir fazer valer os seus como melhores. Havia ademais a temer que no concílio houvesse prelados movidos por interesses opostos, e fações em que ninguém se podia fiar, salientando entre todos os próprios ministros, os quais, ainda que em palácio se mostrassem domésticos, poderiam no concílio arvorar-se em juizes, por haver entre eles alguns que tudo o deviam a Vamba. Enquanto à aversão que o povo lhe testemunhava, diziam-lhe que essa facilmente se mudaria em afeição se ele se mostrasse munifcente e bom governador [\[115\]](#).

Nenhuma destas razões impediram Ervígio de convocar o concílio que lhe devia assegurar ou arrancar a coroa. Compareceu portanto ante os prelados e os grandes da nação, aos quais, depois de um discurso adequado ao ato [\[116\]](#), apresentou três documentos: o primeiro assinado pelos grandes e pelos oficiais de Palácio, dava fé que perante eles tinha Vamba recebido o hábito de religioso e sido tonsurado [\[117\]](#); o segundo era a própria cessão que Vamba fizera em seu favor; o terceiro a ordem que Vamba dera por escrito ao bispo de Toledo para que o ungisse a ele, Ervígio, e o sagraasse rei dos visigodos.

Logo que os prelados viram e examinaram estes documentos deram por boa, válida e legítima a sucessão [\[118\]](#).

Ao ver-se rei incontestado da Península e de Gália gótica, Ervígio não mais pensou senão em desfrutar no ócio e na paz a grandeza e os bens que obtivera. De quando em quando ainda um vislumbre de energia o animava, mas os cuidados da governação eram-lhe excessivamente pesados, e em vez de se ocupar diretamente deles preferiu convocar os concílios XIII e XIV de Toledo, deixando ao arbítrio dos padres e dos grandes a sorte do povo e da nação. Foi deste modo que muitas das sábias leis que Vamba estatuíra foram derogadas por outras que melhor convinham aos interesses dos dirigentes, e que muitos dos membros da nobreza implicados na rebelião de Paulo Homem conseguiram não só ser perdoados, mas até recompensados por nela terem tomado parte.

Ervígio, para assegurar a fortuna dos seus, casou Cigilona, sua filha, com Égica, sobrinho de Vamba, ao ver que era este príncipe o que, entre todos, tinha mais probabilidades de empunhar o cetro. Foi este o seu último ato político, pois a morte o surpreendeu em Toledo em 687, ao cabo de sete anos de inglório e pernicioso reinado.

Reinados de Égica e de Vitiza

Flávio Égica reinou de 687 a 701. Principiou por restituir aos parentes e partidários de Vamba o que o seu predecessor lhes tinha tirado, atraindo sobre si, com este ato de justiça, a inimizade de quantos tinham sido contemplados por Ervígio. Daqui resultaram tramas e sedições que Égica dificilmente poderia debelar se o clero, em troca das maiores concessões, lhe não prestasse decidido apoio.

Logo no primeiro ano do seu reinado, e no mesmo concílio em que a coroa lhe foi reconhecida, se ordenou a perseguição aos judeus que tinham tido artes para evitar as anteriores, uns ocultando-se, outros sujeitando-se ao batismo que lhes impunham. Estas perseguições, como desde logo se entende, tinham por base principal a confiscação dos bens, com a qual lucravam muito mais a nobreza e as congregações religiosas que dominavam no território em que ela se exercia do que o fisco ou a realeza. Esta perseguição tornou-se mais notável do que outra qualquer, porque de uma das medidas que nela se adotou é que resultou a denominação de *cristãos-velhos* e de *cristãos-novos* que, ainda que já quase impercetíveis, conserva vestígios em Portugal, mormente para os lados da Covilhã, de Viseu, etc. Consistiu esta medida em ordenar que todos os judeus menores de sete anos fossem arrancados aos pais, educados na religião cristã, e, a seu tempo, que os casassem com cristãos.

Além do concílio XV, que foi aquele de que acabamos de nos ocupar, Égica convocou os concílios XVI e XVII de Toledo, e ainda outro em Saragoça. Estes concílios ocuparam-se muito menos daquilo que à nação convinha que de sancionar com a autorização eclesiástica quanto contribuiu para cavar a ruína da monarquia visigótica [\[119\]](#).

Prevendo que os atos do seu reinado não só lhe tornariam ignominiosa a memória mas impediriam que a coroa fosse dada a seu filho Vitiza,

nomeou-o em vida seu companheiro no trono e entregou-lhe o governo do antigo reino dos suevos, cuja capital foi então removida de Braga para Tuy [\[120\]](#).

Ignora-se se Égica morreu tranquilo ou se foi vítima das ambições que se degladiavam na Península; o que se sabe é que Vitiza, seu filho, conseguiu suceder-lhe, e que o reinado deste se exerceu de 701 até 711.

Se Égica deu profundo golpe para ativar a ruína da monarquia, Vitiza contribuiu poderosamente para a levar a cabo. Não houve crime que não cometesse nem loucura que não praticasse.

Nas suas desordens foi grandemente auxiliado pela nobreza e pelo clero: aquela esmagando o povo com exações; este caindo na mais destemperada revolta, pois até contra o papado se insurgiu, chegando a declarar-se independente da santa-sé, e proibindo que a ela se recorresse das suas decisões.

Vitiza, vendo o descontentamento do povo, e também o de uma grande parte do clero, pois o metropolitano de Sevilha, entre outros, ficara obediente ao papa, Vitiza, dizemos, temendo que o expulsassem do trono, mandou matar todos os membros da família de Vamba e de Teodoredos. Desta hecatombe salvaram-se apenas dois indivíduos, Rodrigo e Pelaio, únicos que puderam pela fuga subtrair-se ao furor do malvado.

Este Rodrigo chamou a si os descontentes, que eram muitos, e, com eles, pôde organizar um exército com que iniciou a guerra civil. O resultado desta luta foi Vitiza cair em poder do seu inimigo, o qual, depois de lhe mandar arrancar os olhos, o encerrou numa prisão onde veio a morrer de miséria.

Reinado de Rodrigo. Invasão dos Árabes. Fim da Monarquia Visigótica

Rodrigo — o Dom Rodrigo da História — era filho de Teodofredo, duque de Córdova, e como tal descendente dos reis visigodos da família dos Baltos. Tendo escapado pela fuga ao morticínio que Vitiza mandara fazer de todos os parentes dos antigos reis, conseguiu sentar-se pela força das armas [\[121\]](#) no trono dos seus antepassados, depois de vingar em Vitiza a morte que este fizera dar a seu pai. Alguns escritores pretendem que o advento de Rodrigo foi devido a eleição [\[122\]](#), mas esse ponto, como muitos outros desta época, é difícil de discriminar, pois a fábula e a realidade estão de tal modo enlaçadas nos escritos que se referem a este tempo que só dos fatos principais é que se pode fazer menção, mais pelas consequências que trouxeram, e que são conhecidas, que pelo do que a seu respeito se escreveu.

Seja porém como for, pela força ou pela eleição, o caso é que o trono em que Rodrigo ia sentar-se não era um sólio muito invejável: em primeiro lugar porque o reino estava arruinado; em segundo lugar, sobretudo, porque os visigodos, pervertidos pelo ócio, já não podiam atacar nem defender-se. Era uma nação entrada na agonia, um povo perdido, que daí a pouco ia submergir-se no desastre do Guadalete.

Como este desastre é o ponto capital da história do rei Rodrigo, lançaremos mão da versão que mais fundamentos de verdade apresenta para lhe estudarmos as causas.

Rodrigo, mais humano para com os descendentes de Vitiza do que este o fora para com os seus parentes, contentou-se com expulsar da Península os dois filhos daquele rei: Evan e Sisebuto.

Estes dirigiram-se a Tanger, onde demoraram, e onde iniciaram relações secretas com Oppas, seu tio, que era ou pretendia ser arcebispo de Toledo. Nestas relações eram favorecidos pelo conde Réquila, governador daquela praça desde o reinado de Vitiza, que lhe fora protetor. Como se sabe, tanto Tanger, como Ceuta e Arzila, estavam sob o domínio dos visigodos, e constituíam a chamada Mauritânia tingitana, que tinha por governador geral o conde Julião, senhor de Consuegra e Algeciras, o qual gozava honras de *espatário*, ou seja de capitão da guarda real, o que, entre os visigodos, constituía uma das maiores e mais invejadas dignidades militares.

Este conde tinha uma filha chamada Florinda, a qual, como todos os filhos dos grandes dignitários que se achavam longe da corte no desempenho de alguma missão, vivia no palácio do rei, quando este permanecia quieto, ou acompanhava a corte para onde ele ia. Foi numa destas excursões que o rei Rodrigo, ao regressar de Pancorvo à capital, violentou a filha do conde Julião. Quer a donzela se queixasse, quer fosse de qualquer outro modo, o fato chegou ao conhecimento de Oppas, que logo pôs os sobrinhos ao corrente do escândalo, com recomendação de o comunicarem a Réquila, na persuasão de que este não deixaria de tornar o conde Julião sabedor do caso. As coisas passaram-se como Oppas tinha previsto, e o pai da vítima jurou vingar-se.

Essa vingança tinha porém de tirar-se de um rei, o que exigia mais astúcia que precipitação. O conde Julião principiou por pretextar negócios na corte, e pediu a Rodrigo que o chamasse a ela durante algum tempo. Foi-lhe concedida a licença, e desde que o conde chegou a Toledo principiou a insinuar-se no ânimo do rei, a ponto deste ao cabo de poucos dias, não fazer nada sem consultar o mascarado inimigo. O conde aproveitou este valimento para induzir o soberano a atos que pudessem originar o maior número possível de descontentes: os homens de valor foram afastados do soberano e substituídos por inábeis ambiciosos; os bons serviços receberam o cunho da suspeição, e deu-se apreço à nulidade; a confusão e a desordem foram levadas a todas partes, ficando os presídios sem mantimentos, os portos sem vigilância, a província sem soldados e o erário sem dinheiro. Nunca se tinha comprovado como então se comprovou que é fácil levar a cabo uma desorganização em muito pouco tempo. Tudo isto porém não era

suficiente ao irritado conde: na Península ficava ainda um exército disseminado por várias partes, que num dado momento podia ser reunido e apresentar oposição ao terrível plano que Julião forjara. Rodrigo foi aconselhado, como medida económica, a mandar esse exército para a África, onde, sob o comando dele, governador, iria recuar os limites da Mauritânia tingitana por terra dentro dos árabes. Agradou a Rodrigo tal proposta, e vendo que a paz estava assegurada no interior, não hesitou em entregar ao conde Julião as melhores armas e cavalos que consigo quis levar — as únicas que na Península teriam podido defender Rodrigo do trama planeado.

Chegado a Tanger, o conde internou o exército, para que este o não molestasse, e atraindo a si os filhos de Vitiza, foi com eles contar a Musa, emir da África, a ofensa que lhe fizera Rodrigo, e ao mesmo tempo pedir-lhe auxílio para repor no trono o filho do rei precedente, em nome do qual lhe ofereceu tornar a Península tributaria do miralmuminim ou califa de Bagdad.

Como é fácil de supor, agradou a Musa a proposta do conde, se bem lhe parecia excessiva fortuna quanto se lhe oferecia. À vista porém dos reféns que o conde propunha — sua própria mulher e sua filha — as dúvidas do emir dissiparam-se, e logo expediu para Bagdad emissários encarregados de encarecer ao chefe dos muçulmanos as vantagens de tal expedição. Não deixou o califa de autorizar Musa a obrar como melhor entendesse, e este encarregou sem demora Tarik-ibn-Zeyad de conduzir o exército expedicionário à Península. Este exército, composto apenas de doze mil homens, conduzido em navios mercantes para não despertar suspeitas, desembarcou na praia do monte Calpe, a que os árabes logo deram o nome do seu chefe *Djebel-al-Tarik*, monte de Tarik, de que fizemos *Gibraltar*.

Rodrigo, ocupado a debelar uma rebelião dos vascónios, quando recebeu a notícia do ataque, encarregou o godo Teodomiro de defender a entrada da Península, e, reunindo quanto exército pôde, veio a marchas forçadas para as costas do estreito. Não chegou a elas, pois nas margens do Guadalete, o antigo *Chryssus*, teve de defrontar-se com a expedição árabe

que principiava a ir terra adentro, e ali, na nefasta data de 26 de julho de 711 foram os godos esmagados pelo general muçulmano.

Rodrigo, desapareceu na ocasião em que viu a derrota dos seus, e com o seu desaparecimento terminou na Península a dominação visigótica.

Dos sucessos ocorridos entre este fato e a instituição do condado portugalense ocupar-nos-emos noutro volume.

FIM

Notas

[1] A este respeito convém ler «*Notícias acerca das grutas de Cesareda*», por NERY DELGADO e sobretudo a *Introdução à arqueologia da península ibérica*, por FILIPE SIMÕES.

[2] «In quibus duæ illustrissimæ familiæ semper continuatæ fuerunt, videlicet Amalorum apud Ostrogothos, et Balthorum apud Vestrogothos.» (MAGNUS, Joannes, *Gothorum Sueonumque historia*, liv. III, cap. XXI).

[3] JORNANDES, *De Rebus geticis*, cap. IV.

[4] OROSIO, Paulo, *Historias* liv. I, cap. XVI.

[5] MAGNUS, Joannes, *Gothorum Sueonumque historia*, liv. II, cap. XIX.

[6] JORNANDES, *De Rebus geticis*.

[7] FAXARDO, Saavedra, *Corona gothica, castellana, y austriaca*, cap. I.

[8] JORNANDES, *De Rebus geticis*.

[9] OROSIO, Paulo, *Historias* liv. VII, cap. 33.

[10] MAGNUS, Joannes, *Gothorum Sueonumque historia* liv. XV, cap. 4.

[11] «Theodosius moriens tribus ducibus Imperii gubernacula divisus terminis commendarat. Ruffinus oriundus ex Elisa oppido Britanniae Asiam, Egyptum, Orientem procurabat; Stilico Occidentem, et Urbem Romani in potestate habebat; Gildo Africam nomine Honorii tenebat». AVENTINUS, Johannes, *Annales Bojorum*, liv. II.

[12] OROSIO, Paulo, *Historias* liv. VII, cap. 37.

[13] JORNANDES, *De Rebus geticis.*, cap. XXX, e DIACONO, Paulo, *Historia Miscell.*, liv. XIII.

[14] MAGNUS, Joannes, *Gothorum Sueonumque historia* liv. XV, cap. 9.

[15] S. JERÓNIMO, Epístola XVI.

[16] SIGONIO, Carlo, *Historiarum de Occidentali Imperio*, liv. I; PONTANUS, Johannes Isacius, *Rerum danicarum historia*, liv. II, e TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 6.

[17] OROSIO, Paulo, *Historias*, liv. VII, cap. 40; ALPHONSUS, *Carth. Reg. Hispan. Anacephal.*, cap. X.

[18] PONTANUS, Johannes Isacius, *Rerum danicarum historia*, liv. II.

[19] OROSIO, Paulo, *Historias*, liv. VII, cap. 43; FORLIUIENSIS, Blondi Flauii, *Decades Historia*, Decada I, liv. I.

[20] SIGONIO, Carlo, *Historiarum de Occidentali Imperio*, liv. XI.

[21] CUSPINIANUS, Johannes, *De Cæsaribus*.

[22] FORLIUIENSIS, Blondi Flauii, *Decada I*, liv. I.

[23] TOLEDANO, Rodrigo, *Wandali Historia*, cap. XI.

[24] Compreendia pouco mais ou menos os atuais departamentos dos Pirenéus orientais, Hérault, Gard e Aude.

[25] OLYMPIODORO, *Historia*, liv. XXII; LAMECENSE, Idácio, *Chronica*, liv. II.

[26] FAUCHET, *Antiquités gauloises*, liv. II, cap. 9.

[27] TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 6; MAGNUS, Joannes, *Gothorum Sueonumque historia*, liv. XV, cap. 13; VASAEI, Johannes, *Historiae Chronicum*, ano 417.

[28] Pouco mais ou menos as atuais províncias de Lérida, Gerona e Barcelona.

[29] S. IZIDORO, *Chronicon Wandalorum*.

[30] FAXARDO, Saavedra, *Corona gothica, castellana, y austriaca*, cap. V.

[31] BARONIO, Cesare, *Annales Ecclesiastici*, ano 437.

[32] CALLIMACO, Paulo, *Átila* e MARCELLINUS, Ammianus, *Rerum gestarum*.

[33] FAXARDO, Saavedra, *Corona gothica, castellana, y austriaca*.

[34] BONFINI, Antonio, *Decades rerum Hungaricarum*, dec. I, liv. 3.

[35] OLAI, Nicolau, *Átila*, cap. IV.

[36] SIGONIO, Carlo, *Historiarum de Occidentali Imperio*, liv. II.

[37] CLUVERII, Philippi, *Germania Antiquae* liv. III, cap. 20.

[38] MASSONIO, Papírio, *De Calamitatibus Galliae*.

[39] BARONIO, Cesare, *Annales Ecclesiastici*, anos 451-456.

[40] CALLIMACO, Paulo, *Átila*.

[41] «Homo subtilis, antequam bela gereret, arte pugnabat» JORNANDES, *De Rebus Geticis*.

Cabe aqui fazer alguma luz sobre tão estranho guerreiro, não porque isso interesse sobremaneira ao assunto deste livro, mas porque é curiosa a descrição que os autores antigos fazem de Átila.

Era Átila de mediana, mas robusta estatura, cabeça grande, olhos vivos e fulgentes, barba rara, cabeleira áspera e cor morena (*a*). Como todo homem grande mas de caráter inculto, Átila reunia em si os maiores vícios e as maiores virtudes (*b*). A sua inteligência e a sua memória eram portentosas, o que fez dizer a um escritor que Átila negociava com uns ao mesmo tempo que ditava a vários outros (*c*). Clemente com os que se lhe rendiam, era cruel com quem lhe resistia (*d*). Reservado e astuto no conselho, era inexorável no cumprimento das resoluções (*e*). Punha grande empenho em sustentar com grandeza a sua superioridade sobre os grandes do seu povo (*f*), fazendo-se temer com o castigo e amar com a liberalidade (*g*). Tinha-se por invencível, persuadido que cingia a espada do próprio Marte (*h*), dizendo que por isso é que os deuses lhe tinham cometido a incumbência de os vingar. Nobre na hospitalidade, e generoso em dar, não se negava a socorrer os perseguidos. Raro exemplo é

o modo como ele se houve para com Aécio, quando este general, caído no valimento do imperador que o acusava de não ter impedido com as armas que os vândalos, alanos e suevos se alastrassem pela Península ibérica, se refugiou na Cítia, desde a qual só regressou a Roma devido à influência do próprio Átila que demonstrou ao imperador quão injusto tinha sido para com o vencedor dos borguinhões.

(a) JORNANDES, *De Rebus Geticis*

(b) FAXARDO, Saavedra, *Corona gothica, castellana, y austriaca*

(c) BONSINO, Antonio, *Rerum hungaricarum*, Decada I, livro III.

(d) CALLIMACO, Paulo, *Átila*.

(e) OLAI, Nicolau, *Átila*.

(f) CALLIMACO, Paulo, *Átila*.

(g) BONSINO, Antonio, *Rerum hungaricarum*, Decad. I, liv. III.

(h) OLAI, Nicolau, *Átila*, e JORNANDES, *De Rebus Geticis*

[42] JORNANDES, *De Rebus Geticis* e DIACONO, Paulo, *Hist. miscell.* liv. I.

[43] Veja-se a nota 41.

[44] BONFINI, Antonio, *Decades rerum Hungaricarum*, Decad. I, liv. III.

[45] GREGÓRIO DE TOURS, *Hist. francorum*, liv. II, cap. 7.

[46] Estes campos são formados pela planície em que se elevam as cidades de Troyes, Vitry e Chalons-sur-Marne, na Champagne.

[47] *Chronicon*, liv. II.

[48] FAXARDO, Saavedra, *Corona gothica, castellana, y austriaca*, cap. VI.

[49] SIGONIO, Carlo, *Historiarum de Occidentali Imperio*, liv. XIV; BARONIO, Cesare, *Annales Ecclesiastici*, ano 455; APOLINÁRIO, Sidónio, *Panegir. Avit.*; CISNES, Nicol., *Annal.*

Bajorum, liv. II; S. IZIDORO, *Suevorum Historia*.

[50] SIGONIO, Carlo, *Historiarum de Occidentali Imperio*, liv. XIV; VASAEI, Johannes, *Historiae Chronicum*, ano 457.

[51] JORNANDES, *De Rebus Geticis*.

[52] BONFINI, Antonio, *Decades rerum Hungaricarum*, dec. I, liv. 7.

[53] TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 9.

[54] MAGNUS, Joannes, *Gothorum Sueonumque historia*, liv. XV, cap. 23.

[55] JORNANDES, *De Rebus Geticis*.

[56] TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 19.

[57] MAGNUS, Joannes, *Gothorum Sueonumque historia*, liv. XV, cap. 24.

[58] S. IZIDORO, *Gothorum Chronicon* e TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 9.

[59] TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 9.

[60] CUSPINIANUS, Johannes, *Commentarius in Cassiodori fastos consulares*.

[61] SIGONIO, Carlo, *Historiarum de Occidentali Imperio*, liv. XIV.

[62] LAMECENSE, Idácio, *Chronica*, liv. II; S. IZIDORO, *Suevorum Historia*.

[63] *Fragmenta de Veterum Francorum moribus*; JORNANDES, *De Rebus Geticis*, cap. XLVII; GEMBLACENSE, Sigeberto, *Chronicon*, ano 471.

[64] S. IZIDORO, *Gothorum Chronicon*; MAGNUS, Joannes, *De Rebus Hispan.*, liv. V.

[65] APOLINÁRIO, Sidónio, *Epístolas*, liv. I, epist. 7.

[66] S. IZIDORO, *Gothorum Chronicon*; TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 10; TARAPHA, Francisco, *De Regibus Hispaniae*, ann. 515; SANTI, Roderici, *Historia*

hispanica, p. II, cap. 9.

[67] FAUCHET, Claude, *Recueil des Antiquités gauloises et françaises*, cap. XXII.

[68] SERRES, Jean de, *Inventaire general de l'Histoire de France*.

[69] «Car à quel propos, disait-il aux siens, ces Arriens auroient ils si bonne part entre les Chrestiens.» SERRES, Jean de, *Inventaire general de l'Histoire de France*.

[70] SIGONIO, Carlo, *Historiarum de Occidentali Imperio*, liv. XVI.

[71] CASSIODORO, Marco Aurélio, *Epistolário*, Cartas III e IV.

[72] FAUCHET, Claude, *Recueil des Antiquités gauloises et françaises*, cap. XXI e XXII.

[73] S. IZIDORO, *Gothorum Chronicon*.

[74] PROCÓPIO, *De Bello Gothico*, liv. I.

[75] GREGÓRIO DE TOURS, *Hist. de França*, liv. III, cap. 10.

[76] *Concilia Toletana*, II, pag. 1.

[77] *Concilia Tarraconensis*, can. I e X.

[78] *Concilia Tarraconensis*, can. VIII.

[79] *Concilia Toletana*, II, can. I.

[80] TUDENSE, Lucas, *Chronicon Mundi*, liv. II.

[81] MARIANA, Juan de, *Historia de España*, liv. V, cap. 8.

[82] MAGNUS, Joannes, *Gothorum Sueonumque historia*, liv. XVI, cap. 5.

[83] TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 13.

[84] S. IZIDORO, *Gothorum Chronicon*; TUDENSE, Lucas, *Chronicon Mundi*.

[85] TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 13.

[86] S. IZIDORO, *Gothorum Chronicon*; TUDENSE, Lucas, *Chronicon Mundi*; TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 13.

[87] VASAEI, Johannes, *Historiae Chronicum*, ano 549.

[88] Esta era uma criada de Androvéria, primeira esposa de Chilperico, o qual se enamorou dela. Uma ambição cega fê-la praticar os maiores crimes para chegar a sentar-se no trono da Neustria. Entre as suas vítimas contam-se a própria Androvéria, Galsvinda, Brunilda, S. Pretextato, arcebispo de Ruão, e o próprio marido.

[89] FR. AIMOINS, *De Gestus francorum*, liv. IV, cap. 1.

[90] MARIANA, Juan de, *Historia de España*, liv. V, cap. 9.

[91] TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 14.

[92] S. IZIDORO, *Gothorum Chronicon*.

[93] VASQUES, João, *Historiae Chronicon*, ano 567.

[94] S. GREGÓRIO, papa, *Diálogos*, liv. III, 31.

[95] JOÃO, abbade biclarensis, *Chronicon*.

[96] S. IZIDORO, *Chronicon Suevorum*.

[97] Fauchet, *Antiquités et Hist. des Gaulois*, liv. IV, chap. 2.

[98] S. IZIDORO, *Gothorum Chronicon*, TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae* liv. II, cap. 15.

[99] *De Gestis Francorum*, liv. III, cap. 94.

[100] S. IZIDORO, *Gothorum Chronicon*; TUDENSE, Lucas, *Chronicon Mundi*, ano 644; MAGNUS, Joannes, *Gothorum Sueonumque historia*, liv. XVI, cap. 12.

[101] ALPHONSI, *Anacephalaeosis*, cap. 30.

[102] MARIANA, Juan de, *Historia de España*, liv. VI, cap. 4.

[103] *Concil. Tolet.*, can. 75.

[104] S. ILDEFONSO, *Chron.* 9.

[105] VASQUES, João, *Hispaniae Chronicon*, ano 653; BARONIO, Cesare, *Martyrologium romanum*, 20 de outubro; MORALES, Ambrosio, *Historia hispanica*, liv. XII, cap. 36; PADILHA, *Historia ecclesiastica*, cent. VII, cap. 37.

[106] TOLEDANO, Julião, *Historia de Wambae expeditione*.

[107] FAXARDO, Saavedra, *Corona gothica, castellana, y austriaca*, cap. 26.

[108] MARIANA, Juan de, *Historia de España*, liv. VI, cap. 12.

[109] BARONIO, Cesare, *Annales Ecclesiastici*, ano 673, 4; TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. III, cap. 4.

[110] MARIANA, Juan de, *Historia de España*, liv. VI, cap. 13.

[111] *Concil. Bracarense*, III, cap. 2.

[112] *Concil. Bracarense*, III, cap. 6.

[113] BARONIO, Cesare, *Annales Ecclesiastici*, ano 675, 7.

[114] MARIANA, Juan de, *Historia de España*, liv. VI, cap. 14; HIGUERA, Jeronymo, *Notae ad Chronicon Luitprandi*; BARONIO, Cesare, *Annales Ecclesiastici*, ano 680, 56.

[115] FAXARDO, Saavedra, *Corona gothica, castellana, y austriaca*, cap. 27.

[116] *ConcÍlios Toledanos*, 12.

[117] Circunstância que para sempre o inibia de tornar a ser rei.

[118] *ConcÍlios Toledanos*, 12, can. I.

[119] MAGNUS, Joannes, *Gothorum Sueonumque historia*, liv. XVI, cap. 24.

[120] TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae*, liv. III, cap. 15.

[\[121\]](#) TOLEDANO, Rodrigo, *De Rebus Hispaniae* liv. III, cap. 18, LUILPRANDO, *Chron.* an. 711.

[\[122\]](#) SALMATICENSE, Sebastião, *Chron.*

Índice

[Introdução](#)

[Sumário](#)

[História da península ibérica](#)

[Primeiro estabelecimento dos visigodos na península](#)

[Reinado de Ataúlfo, primeiro rei visigodo das Espanhas](#)

[Reinados de Sigerico e de Vália](#)

[Os bárbaros da península](#)

[Reinado de Teodoredou ou Teodorico I. Reino Suevo. Átila.](#)

[Batalha dos campos cataláunicos](#)

[Reinado de Turismundo](#)

[Reinado de Teodorico II](#)

[Reinado de Eurico](#)

[Reinado de Alarico II](#)

[Interregno](#)

[Reinado de Amalarico](#)

[Reinado de Teúdio](#)

[Reinados de Teodiselo, Agildo e Atanagildo](#)

[Reinados de Luiva e Leovigildo](#)

[Reinados de Flávio Recaredo e Liuva](#)

[Reinados de Viterico e de Gundemaro](#)

[Reinados de Sisebuto e de Recaredo II](#)

[Reinados de Suíntila, Sisenando, Flávio Chintila e Tulga](#)

[Reinados de Chindasvinto e de Recesvinto](#)

[Reinado de Vamba](#)

[Reinado de Ervígio](#)

[Reinados de Égica e de Vítiza](#)

[Reinado de Rodrigo. Invasão dos Árabes. Fim da Monarquia](#)

[Visigótica](#)

[Notas](#)

Table of Contents

[Introdução](#)

[Sumário](#)

[História da península ibérica](#)

[Primeiro estabelecimento dos visigodos na península](#)

[Reinado de Ataúlfo, primeiro rei visigodo das Espanhas](#)

[Reinados de Sigerico e de Vália](#)

[Os bárbaros da península](#)

[Reinado de Teodredo ou Teodorico I. Reino Suevo. Átila.](#)

[Batalha dos campos cataláunicos](#)

[Reinado de Turismundo](#)

[Reinado de Teodorico II](#)

[Reinado de Eurico](#)

[Reinado de Alarico II](#)

[Interregno](#)

[Reinado de Amalarico](#)

[Reinado de Teúdio](#)

[Reinados de Teodiselo, Agildo e Atanagildo](#)

[Reinados de Luiva e Leovigildo](#)

[Reinados de Flávio Recaredo e Liuva](#)

[Reinados de Viterico e de Gundemaro](#)

[Reinados de Sisebuto e de Recaredo II](#)

[Reinados de Suíntila, Sisenando, Flávio Chintila e Tulga](#)

[Reinados de Chindasvinto e de Recesvinto](#)

[Reinado de Vamba](#)

[Reinado de Ervígio](#)

[Reinados de Égica e de Vitiza](#)

[Reinado de Rodrigo. Invasão dos Árabes. Fim da Monarquia](#)

[Visigótica](#)

[Notas](#)